



UnB

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE AUDIOVISUAIS E PUBLICIDADE

DANIEL JEREMIAS FREITAS SOUSA

**ALÉM DAS PÁGINAS: O LIVRO-OBJETO COMO SUPORTE DE NARRATIVAS
FANTÁSTICAS ILUSTRADAS**

BRASÍLIA - DF

2023

DANIEL JEREMIAS FREITAS SOUSA

**ALÉM DAS PÁGINAS: O LIVRO-OBJETO COMO SUPORTE DE NARRATIVAS
FANTÁSTICAS ILUSTRADAS**

MEMÓRIA DE PESQUISA

Produto apresentado à Universidade de Brasília
como requisito parcial à obtenção do título de
bacharel em Comunicação Social com habilitação
em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Profa. Dra. Célia Kinuko Matsunaga
Higawa

BRASÍLIA - DF

2023

**Além das páginas: o livro-objeto como suporte de narrativas fantásticas
ilustradas**

Daniel Jeremias Freitas Sousa

Projeto aprovado em 18/12/2023 para obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social, habilitação Publicidade e Propaganda.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Célia Kinuko Matsunaga Higawa

Membro: Rafael Dietzsch

Membro: Simone Jardim

Suplente:

Seria o desenho uma língua não adquirida?
Seria o desenho uma língua perdida ou tão
simplesmente substituível pela língua das palavras?
Ou seriam as palavras só o que sobrou do desenho?

- Marcia Tiburi

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai Alberto, pelo apoio incondicional, por me incentivar a fazer o que eu gosto desde sempre, por sempre comemorar minhas conquistas comigo e por ser um pai sempre presente.

A minha mãe Valdeli, pelo apoio também incondicional, por me mostrar desde sempre como tudo pode se transformar em arte e por despertar em mim a vontade de criar.

Aos meus irmãos, Camila, Davi e Fábio, que sempre foram minha companhia, meus melhores amigos e fazem a minha vida mais feliz. A Camila por sempre me ouvir, mesmo se eu estiver errado, por rir comigo e por ser meu apoio sempre. Ao caçula Davi, por sempre me lembrar de brincar e por quem sinto mais falta quando estou longe. Ao Fábio, por sempre estar ao meu lado, por ter me inspirado a desenhar desde pequeno quando via suas ilustrações e pelas risadas que damos juntos.

A minhas tias Divina e Maria e tios Waldeci e José Donizete, por serem sempre presentes na minha vida, por terem me ajudado a entrar para a UnB e por serem os melhores tios que eu poderia ter.

Ao meu avô Waldir, por ser o melhor avô do mundo e por todas as vezes que cuidou de mim e dos meus irmãos quando nossos pais trabalhavam.

Aos amigos que fiz em Brasília (em ordem alfabética), Beatriz Teotônio, Bruna Yamaguti, Catarine Torres, Emanuelle Arcângela, Giulia Soares, Gustavo Viana, Helena Ribeiro, Iara Santos, Isabella Costa, Jhoalerson Dias, Lorena Fraga, Luiz Curado, Marcos Vinícius, Mikael Kluge, Úrsula Barbosa, Victor Cesar. Esse trajeto desde quando cheguei em Brasília não teria sido fácil sem eles, sou muito grato pela amizade de cada.

Ao Hugo Mariz por toda ajuda e carinho nesse período importante da minha formação, por ler e corrigir este trabalho e me ouvir falar das minhas ideias, dúvidas e preocupações sempre com muita atenção.

Aos incríveis professores que tive a honra de ter aula durante a graduação. Agradeço especialmente Luciano Mendes, Wagner Rizzo, Rafael Dietzsch, Symone Jardim, Rafiza Varão, Suelen Valente e Priscila Borges.

E a minha orientadora Célia, a quem agradeço todos os conselhos e conversas. Por toda inspiração desde a primeira matéria que cursei e por todo talento que nos dá a honra de compartilhar.

Resumo

Este memorial explora a temática do livro como objeto e suas possibilidades, assim como da ilustração e da fantasia para a criação de um livro. A aplicação desses conceitos gerou o produto intitulado “Além das páginas”, um livro criado por meio de experimentações nos campos da escrita, design gráfico, design editorial, ilustração e artesanato a partir de conhecimentos obtidos no curso de Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda e disciplinas cursadas em outros departamentos da Universidade de Brasília. Tem-se como base para o trabalho os conceitos de livro-objeto, livro de artista e livro imagem, assim como o fantástico e o maravilhoso e a imagem aqui abordada na perspectiva da ilustração. O memorial e a produção do livro foram feitos em três passos principais, sendo eles a pesquisa bibliográfica e escrita, a busca por referências para o produto e a criação dele. Por fim, o livro “Além das páginas” explora a fantasia e a magia de um mundo observado e reúne experimentações na ilustração e no design editorial.

Palavras-chave: livro-objeto, narrativas fantásticas, estética da fantasia, ilustração

Abstract

This work explores the theme of the book as an object and its possibilities, as well as those of illustration and fantasy in the creation of a book. The application of these concepts generated the product titled “Além das páginas”, or “Beyond the pages” on English, a book created through experiments in the fields of writing, graphic design, editorial design, illustration and artistic crafts based on knowledge obtained in the Social Communication course with qualification in Advertising and Publicity and subjects studied in others departments at the University of Brasília. The basis for the work are the concepts of object-book, artist's book and image book, fantasy, wonder and the image, discussed here from the perspective of illustration. This work and the production of the book were carried out in three main steps, namely research bibliography and writing, reference search for the product and its creation. In conclusion, the book “Beyond the Pages” explores the fantasy and magic of a world observed and brings together experiments in illustration and editorial design.

Keywords: book-object, fantastic narratives, fantasy aesthetics, illustration

ÍNDICE DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Cena do filme As Crônicas de Spiderwick (2008) Disponível em: https://jovenconexion.wordpress.com/2013/09/21/critica-as-cronicas-de-spiderwick/ | 21 |
| Figura 2 - Ilustração retirada do livro “Além das páginas”. Fonte: autor. | 23 |
| Figura 3 - Ilustração de Kat Lee. Disponível em: https://br.pinterest.com/pin/706291154086490714/ | 24 |
| Figura 4 - Ilustração retirada do livro “Além das páginas” e fotografia de referência. Fonte: autor..... | 25 |
| Figura 5 - Traços do pincel “ <i>Paper Sketch</i> ” do aplicativo Procreate. Fonte: autor. .. | 26 |
| Figura 6 - Traços do pincel “Lápis técnico 1” do aplicativo Procreate. Fonte: autor. | 27 |
| Figura 7 - Traços do pincel “Tinta seca” do aplicativo Procreate. Fonte: autor. | 27 |
| Figura 8 – Ilustração retirada do livro “Além das páginas”. Fonte: autor. | 28 |
| Figura 9 – Representação das escolhas estéticas da ilustração. Fonte: autor..... | 29 |
| Figura 10 - Foto do teste com o papel vegetal. Fonte: autor | 31 |
| Figura 11 – Ilustração utilizada para teste. Fonte: autor | 31 |
| Figura 12 – Uso da fonte “Bradley Hand” retirado do livro “Além das páginas”. Fonte: autor | 32 |
| Figura 13 – Uso da fonte “Paralucet Condensed” retirado do livro “Além das páginas”. Fonte: autor..... | 32 |
| Figura 14 – Representação dos materiais do livro. Fonte: autor | 33 |
| Figura 15 – Ilustração utilizada para flipbook. Fonte: autor | 34 |

SUMÁRIO

| | | |
|----------|---|-----------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 10 |
| 2 | METODOLOGIA | 12 |
| 3 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA..... | 13 |
| 3.1 | LIVRO | 13 |
| 3.2 | LIVRO OBJETO, LIVRO IMAGEM E LIVRO DE ARTISTA | 14 |
| 3.3 | ESTÉTICA DA FANTASIA | 17 |
| 3.4 | IMAGEM E NARRATIVA..... | 18 |
| 4 | O LIVRO..... | 20 |
| 4.1 | A NARRATIVA | 20 |
| 4.2 | ACERVO VISUAL | 24 |
| 4.3 | A ILUSTRAÇÃO..... | 25 |
| 4.4 | O LIVRO COMO OBJETO | 29 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 35 |
| 6 | REFERÊNCIAS..... | 37 |
| | APÊNDICE A – LIVRO: ALÉM DAS PÁGINAS | 39 |

1 INTRODUÇÃO

O livro ilustrado sempre foi, desde a minha infância, um objeto de fascínio. Folhear as páginas inundadas por cores e formas que se mesclavam em harmonia e observar os detalhes muitas vezes eram, para mim, mais interessantes que o conteúdo escrito. Desse fascínio nasceu minha vontade de me tornar ilustrador e de realizar como projeto final do curso um livro ilustrado.

"Considerando o universo particular do livro ilustrado, inclusive, é interessante refletir que a linguagem narrativa, nesse caso, não remete somente ao âmbito verbal, mas diz respeito fundamentalmente às imagens - uma vez que o que diferencia primeiramente o livro ilustrado de outras categorias é, essencialmente, a presença de ilustrações." (Prades, 2019. p. 50)

O desenho carrega no próprio nome um ato, é um verbo na primeira pessoa do singular, um gesto que nasce na palavra (Chuí, 2010). Pensar o desenho é pensar a expressão da mente em forma de traço, seja ele com ou sem cores. No mesmo sentido, o livro é, também, um ato, um livramento, uma libertação. Eu me livro. O livro nos tira da realidade ou nos coloca nela de forma abrupta. O livro é suporte, mas também signo, nos conta algo em sua forma.

O livro como objeto é trabalhado por diversos autores no campo do design, das artes visuais e plásticas e da literatura. Julio Plaza, em seu texto "O livro como forma de arte" de 1982, apresenta o livro-objeto, ou seja, o livro que possui em sua materialidade, informações e dizeres do seu autor. Plaza também insere o livro-poema, outra categoria do livro-objeto que também utiliza do suporte como mensagem e mensageiro. Dessa forma, pensar o livro é pensar também sua forma e sua matéria.

"O que caracteriza o livro-poema, por outro lado, é exatamente a fisicalidade do suporte interpenetrava-me com o poema, apresentando-se como corpo físico, de tal maneira que o poema somente existe porque exista o livro como objeto." (Plaza, 1982. p. 14).

Como temas principais do livro e das ilustrações, a fantasia e, posteriormente, o maravilhoso, foram os que mais se encaixaram na proposta de um livro ilustrado como abordarei nos capítulos seguintes. Sempre estive em contato com conteúdos dos temas atrelados a fantasia como magia, sobrenatural, natureza e os personagens

característicos dessas histórias como heróis, bruxas, cavaleiros, mentores, guerreiros e vilões.

Desse olhar para o desenho e para o livro como objeto de possibilidades, dediquei-me neste trabalho a criar um livro-objeto inspirado por minhas andanças, devaneios e observações sobre um mundo fantástico-maravilhoso que me rodeia. Dessas inspirações nasceram ilustrações, rabiscos e palavras sobre personagens, objetos, histórias e cenários encantados.

2 METODOLOGIA

A pesquisa desenvolvida neste trabalho de conclusão se divide em três passos principais: a pesquisa bibliográfica e estudo dos temas abordados, a criação de um acervo de referências visuais e a produção do livro ilustrado.

Num primeiro momento, meu foco foi estabelecer os temas-chave a serem abordados e discutidos e que se relacionassem com o objetivo geral da pesquisa. Essa definição se deu à medida que tive contato com diversos textos e trabalhos. A partir dessa definição, busquei por referências sobre esses temas que são: ilustração, imagem, fantasia, narrativa e o livro como objeto. Explorei a criação de livros ilustrados e as possibilidades do livro, seus limites e sua linguagem, assim como diferentes abordagens da produção gráfica com foco na imagem.

Tendo em mente a ideia inicial do livro, pesquisei sites de referências e livros em busca de imagens que se relacionassem com rascunhos, histórias em quadrinhos, fantasia, magia, *sketchbook*, criação de personagens, design e páginas de livros ilustrados. Com esse recorte inicial de temas e ao longo do processo, reuni 550 imagens que serviram de inspiração para a definição da linguagem visual do livro, sua construção e narrativa.

Em paralelo às leituras, iniciei o processo de criação do livro. Esse processo começou com uma ideia geral do que seria tratado e, a partir dela, realizei uma chuva de ideias de possibilidades de criação, principalmente na parte visual. Com esse primeiro esboço do que poderia ser realizado em termos de criação e produção visual, parti para a tarefa de entender o que ligava essas ideias e como elas se encaixariam em uma narrativa, em um fio lógico que ligasse todos os elementos, mesmo que de forma não linear.

Com as ilustrações parcialmente feitas, utilizei o InDesign para estruturar e entender como elas funcionariam nas páginas e quais possibilidades de criação eu teria após essa primeira montagem. A partir disso, defini como iriam ser feitos os próximos desenhos e a inserção do texto. Após a conclusão dos desenhos, o InDesign foi utilizado para a finalização e fechamento do arquivo para impressão. Com o trabalho impresso, fiz os ajustes com os elementos manuais.

3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Antes de adentrar a produção do livro, me dedico neste capítulo aos conceitos que movem a construção do produto e são a base teórica que fundamentam esta pesquisa. Busquei aqui elencar quatro temas principais, os quais entendo serem os temas chave para essa discussão. São eles o próprio livro, outras abordagens para o livro, a fantasia e a função da imagem.

3.1 LIVRO

Segundo o Dicionário Houaiss, livro é uma “coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos (...) formando um volume que se recobre com capa resistente”. A ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) e outros organismos internacionais, consideram um livro “a publicação com mais de 48 páginas, além da capa” (Houaiss, 2013. p. 333). O Concise Oxford Dictionary define o livro como “Tratado portátil manuscrito ou impresso que preenche uma série de folhas encadernadas, vinculadas umas às outras” (Haslam, 2010, p. 8). Já o autor Andrew Haslam define o livro como “um suporte portátil que consiste em uma série de páginas impressas e encadernadas que preserva, anuncia, expõe e transmite conhecimento ao público, ao longo do tempo e do espaço.” (Haslam, 2010, p. 9).

Essas definições não abrangem tudo que um livro pode ser ou tudo que possa ser considerado livro. Para se chegar a essa definição, teríamos que considerar diversos suportes (físicos ou digitais) e materiais. Aqui trabalharei com uma ideia base do livro, sendo ele físico, impresso em papel.

O livro é um volume no espaço. Livro é uma sequência de espaços (planos) em que cada um é percebido como um momento diferente. O livro é, portanto, uma sequência de momentos. O livro é signo, é linguagem espaço-temporal. (Plaza, 1982)

O livro como conhecemos tem sua história iniciada há mais de quatro mil anos. Ele é uma das formas mais antigas de se registrar os acontecimentos, as histórias, os conhecimentos, as culturas e anda lado a lado com a história da humanidade (Haslam, 2010). Esse objeto com folhas divididas ao meio, chamadas de ‘fólios’, costuradas em cadernos unidos pela lateral que chamamos de livro passou por diversas transformações até chegar nesse formato. Dos papiros utilizados pelos escribas

egípcios feitos das folhas de palmeira aos papiros em couro animal surgidos em Pérgamo cerca de 180 anos antes de Cristo - de onde surgiram os pergaminhos - a forma de armazenar conhecimentos tomou forma à medida que novas tecnologias eram descobertas (Haslam, 2010).

As propriedades materiais do pergaminho propiciaram o desenvolvimento do códex. O pergaminho era feito em tamanho maior que o frágil papiro e aceitava ser dobrado sem se danificar. O códex propiciou o fim da tradição do rolo de papiro; a partir dele as folhas podiam ser ligadas borda com borda, dobradas e depois empilhadas e atadas ao longo de uma das margens (Haslam, 2010, p. 6).

Com o aperfeiçoamento do papel, vieram as formas de se colocar informação nele. Apesar dos chineses já utilizarem os tipos móveis de madeira desde o século VII, foi com os tipos móveis de metal de Gutenberg que a produção de livros aumentou drasticamente. “O livro impresso industrializou a produção da linguagem. O método (..) é mais rápido que a cópia caligráfica e, como consequência, os textos se tornaram economicamente acessíveis (...)” (Haslam, 2010. p. 8). Não só o livro foi largamente distribuído, como a comunicação impressa em jornais, revistas e folhetos também teve seu desenvolvimento acelerado transformando a forma como se comunicava em massa.

3.2 LIVRO-OBJETO E LIVRO DE ARTISTA

Da criação do livro até os dias atuais muitos elementos relacionados a produção gráfica se transformaram com as tecnologias. E com isso, como consumir livros também tomou outras formas. Pensar em livros hoje é pensar nas suas diversas formas, formatos, materiais e suportes. Mas a forma de se olhar para o livro talvez continue a mesma, mesmo que inconscientemente.

A expressão “não julgue um livro pela capa” tem os seus significados conhecidos de que não devemos subjugar o conteúdo das páginas pelo design do seu exterior, ou que não devemos julgar as pessoas por sua aparência e em ambos os casos isso é muito válido. Mas para além do conteúdo escrito, um livro também é um objeto a ser olhado, experienciado e lido em suas múltiplas possibilidades – aqui me refiro principalmente aos livros físicos. O livro começa na capa e não na primeira página, começamos a lê-lo no primeiro contato físico e visual.

A capa é, como se refere a expressão, a primeira coisa que vemos em um livro, é o que causa nossa primeira impressão. Isso pode variar de pessoa para pessoa, mas os elementos seguintes observados são o título, o(a) autor(a), a sinopse e os elementos físicos como material da capa com suas diversas variações com papéis, tecidos, metais etc. A seguir olhamos o interior do livro, alguns mais exigentes se atentam aos detalhes editoriais como a diagramação, tipografia, cores e o tipo de papel do miolo. Outros apenas ao conteúdo e não tanto a forma.

Pensar o livro como objeto é pensar nas suas possibilidades enquanto mídia capaz de proporcionar experiências estéticas e sensoriais. O livro de artista entra aqui como um dos objetos que propicia essa experiência e sobre isso Julio Plaza afirma que o livro de artista é feito como “um objeto de design, visto que o autor se preocupa tanto com o “conteúdo” quanto com a forma e faz desta uma forma-significante.” (Plaza, 1982. p. 3) O livro de artista entra nesse campo como um agregador de significados e os coloca em uma uniformidade contraposta¹ que se contrastam ao mesmo tempo que se combinam.

Ao considerar um livro como um acumulador de informações, este pode ser transposto para outros meios, sendo o livro apenas um dos suportes possíveis para essa informação tipográfica e visual, no entanto o livro de artista não pode ser passado para outro suporte sem perda de sua interpretação como conjunto (Plaza, 1982). O livro de artista só pode existir como livro, pois antes de ser qualquer coisa, ele é um livro e o suporte faz parte do que ele é se propõe a ser.

Enquanto o autor de textos tem uma atitude passiva em relação ao livro, o artista de livros tem uma atitude ativa, já que ele é responsável pelo processo total de produção, porque não cria na dicotomia “continente-conteúdo”, “significante-significado” (Plaza, 1982)

O autor deste tipo de livro está envolvido em todo o processo, pensa sua obra do conteúdo ao material, da capa ao miolo. Nesse sentido, criar o livro se torna não apenas o escrever, mas o transcrever fisicamente em imagens, texturas, cheiros e em outras sensações. O livro passa a ser um objeto, sendo assim um livro-objeto.

¹ Faço aqui uma união de palavras antônimas para explicar o dinamismo e a complexidade que o livro de artista pode ter ao se unir diferentes significantes em um objeto.

A leitura ocidental leva o leitor a seguir as páginas da esquerda para a direita, de cima para baixo e, apesar do conteúdo ter ou não uma linearidade, isso torna a experiência sequencial uma vez que para ser entendido deve ser lido seguindo essa lógica. As páginas de um livro – com a maior parte do conteúdo em texto – isoladas têm um limite de interpretação, é necessário o todo para serem compreendidas. Usar a ordem das páginas como função narrativa coloca o livro como objeto significativo e não apenas como suporte.

(...) à linearidade imposta pelo livro (pelo sistema de leitura) pode ser sobreposta a similaridade. Se o livro impõe limites físicos, formais e técnicos fixados pela tradição, também impõe uma leitura e uma lógica do discurso em linguagem escrita e discreta que pode, no entanto ser substituída pela analogia da montagem. (Plaza, 1982)

Em *Trajetórias de um fio de rio* (2019), Anita Prades fala sobre a não linearidade das coisas e como as crianças interpretam os livros apesar de ainda não compreenderem os códigos dos adultos. Para elas, o livro é algo visual que possui um mistério que os adultos conseguem compreender e falar em voz alta. Mesmo não sabendo ler, as crianças pegam os livros e contam suas histórias a partir da imaginação e da memória do que já foi contado a elas.

Olhar o livro com essa perspectiva da criança que vê algo a mais, que interpreta e cria quase que independente do que é mostrado nas páginas nos dá a oportunidade de não se ater ao que está dado em termos de escrita e criação gráfica. É possível repensar essa experiência de leitura colocando o leitor na posição de coautor, sendo até mesmo um novo personagem do livro. Minha intenção com o produto deste trabalho é fazer isto com o leitor, colocá-lo como alguém que faz parte da história e que caso queira, a continue.

O desenrolar das páginas de um livro, nesse sentido, pode ser simbólico: diversas folhas que, vistas isoladamente, podem ter significados distintos, mas que constituem o sentido de um todo quando unidas pela dobra central da encadernação. (Prades, 2019, p. 44)

O livro de artista, diferente do “livro comum” convida o leitor a criar entre as páginas e não apenas imaginar o que está sendo descrito. Nesse tipo de livro, Amir Brito Cadôr diz que “(...) existe uma narratividade, entendida como o intervalo de sentido entre uma página e outra, entre imagens ou palavras, e que deve ser preenchido pelo leitor.” (Cadôr, 2010, p. 660). O leitor nesse caso tem papel ativo na

criação de sentido do que é lido e observado. Entra em ação aqui a memória, o imaginário e o contexto a qual a obra está inserida.

A memória nos permite criar conexões com o que já vimos, nos ajuda a compreender o novo ou quase novo e a compreender a linguagem e os signos. O imaginário liga um povo por uma certa atmosfera, coloca todos na mesma página ao mesmo tempo que não é identificável como a cultura², é algo que está no ar, um algo a mais que nos conecta (Maffesoli, 2001, p. 75). E o contexto interfere de forma significativa no entendimento da obra, seja pelo local de exposição, situação, quem produziu, quem consome e outros elementos que são individuais e coletivos. O próprio museio é considerado um lugar próprio da experiência com o livro e faz parte do contexto da obra (Cavalcante, 2016).

A materialidade do livro carrega a impossibilidade da transposição para outro suporte uma vez que a interação com o livro físico faz parte da experiência. Sobre o lugar do impresso num mundo tomado pelo digital, Cavalcante afirma:

A materialidade do livro é reconhecida como responsável por um embate corpóreo que ainda não foi transferido para o contato digital, ou seja, a incursão da leitura virtual abre caminhos novos, sem ainda substituir possibilidades de leitura provenientes do encontro com o livro impresso e suas qualidades físicas: características substâncias e inter-relações contextuais. (Cavalcante, 2016, p. 56).

3.3 ESTÉTICA DA FANTASIA

Abordar o tema do fantástico exige distinguir este gênero do maravilhoso. Enquanto o primeiro confronta o real, onde aquilo que temos como base é questionado, no outro tudo o que veríamos como estranho, irracional faz parte do mundo como algo comum. “O mundo maravilhoso é um lugar totalmente inventado em que as confrontações básicas que geram o fantástico (a oposição natural/sobrenatural ordinário/ extraordinário) não estão colocadas, já que tudo é possível (Roas, 2013, p. 34).

² Maffesoli afirma que a cultura é identificável, está nas músicas, nas obras de arte, no teatro, nas danças etc. diferente do imaginário que possui algo de intangível, uma atmosfera não identificável (Maffesoli, 2001, p. 75)

A literatura latino-americana do século XX propõe outra forma de se pensar o fantástico e o maravilhoso, pois ela une os dois em um se tornando o “realismo maravilhoso” (ou “realismo fantástico” e “realismo mágico”) (Roas, 2013).

“O “realismo maravilhoso” propõe a coexistência não problemática do real e do sobrenatural em mundo semelhante ao nosso. (...) O realismo maravilhoso se vale de uma estratégia fundamental: desnaturalizar o real e naturalizar o insólito, isto é, integrar o ordinário e o extraordinário em uma representação do mundo.” (ROAS, 2013, p. 36).

Ao observar os conteúdos relacionados ao fantástico e ao maravilhoso que são difundidos mundialmente, nos deparamos com uma falta de exemplos não norte-americanos e europeus nas produções midiáticas de grande alcance. Isso, claro, não é uma crítica passível de ser feita apenas a esses temas, mas a inúmeros outros como representatividade étnica, de corpos, culturais etc. Pensar em uma estética da fantasia, uma identidade visual da narrativa fantástica latino-americana se torna difícil quando não temos tantos produtos midiáticos difundidos, apesar de existir muitas histórias e lendas latinas.

Nessa tentativa de fuga de exemplos do hemisfério norte ocidental, encontrei dificuldade em elencar referências latinas para o trabalho, principalmente no campo visual. Algumas obras mais recentes se propuseram a apresentar esse mundo, como Cidade Invisível (2021) da Netflix, que apesar das críticas pela localização do enredo não fazer jus às origens das lendas, apresenta a um grande público o folclore brasileiro. Também nas produções brasileiras, as que serviram de inspiração foram Sítio do Pica-Pau Amarelo (2001-2007) e Castelo Ra-Tim-Bum (1994-1997) que apresentam algumas lendas e histórias fantásticas e filmes como Tainá – Uma aventura na Amazônia (2001) e O Auto da Compadecida (1999), que incorpora elementos do folclore nordestino.

3.4 IMAGEM E NARRATIVA

O desenho, assim como a fotografia, a escultura, a pintura, entre outros, são formas de representação. As imagens, nesse sentido, são transparentes e mostram, numa “lógica da mostração, elas nos dão a ver” a realidade como uma janela, como a lua que reflete o sol (Gottfried Boehm, 2015). Isso, claro, remete a maioria das imagens e não a todas. Aqui me refiro as imagens que de fato se propõem e são propostas com o objetivo de representar realidades, sendo o foco deste trabalho o

desenho e a pintura. Cristiane Ziegler Leal a partir das ideias de Gottfried Boehm também fala desse “se mostrar” das imagens.

“As imagens que se mostram oferecem algo para pensar, seja ela um desenho, uma escultura, uma fotografia, uma pintura, uma imagem eletrônica. Outra incitação da imagem é o fato de toda imagem veicula pensamentos, ou seja, toda imagem leva consigo algo do objeto representado.” (Leal, 2017. p. 3)

O desenho entra nessa “lógica da mostraçãõ” de Boehm de forma diferente da fotografia uma vez que a fotografia parte da realidade e o desenho parte do imaginário da realidade de quem o produz. Dentro do desenho, a representação se faz mais forte na ilustração na medida em que esta coloca o desenho nesse papel com função de ilustrar algo.

As imagens induzem a pensar, provocam e instigam, elas se mostram, mas também escondem algo (Leal, 2017). “Singular, simples ou em associações com outras imagens e contextos, faz pensar, carrega em si um pensamento, pensamentos.” (Leal, 2017, p.1). Nesse sentido, pensar a imagem é elaborar sobre sua relação com as outras imagens, com o ambiente, com o texto verbal e não verbal.

4 O LIVRO

O produto deste trabalho não possui um público-alvo baseado em idade, uma vez que não possui linguagem imprópria e o tema pode ser apreciado tanto por crianças como por adolescentes e adultos. A obra aqui descrita tem como público pessoas interessadas nos temas de mundo fantástico, magia e folclore, assim como em narrativa visual, histórias em quadrinhos e a própria produção gráfica, uma vez que explorei na produção possibilidades de criação.

Me dedico neste capítulo ao desenvolvimento do livro-objeto da sua concepção como ideia à pesquisa por referências e à produção gráfica, sendo esta dividida entre a narrativa, o acervo visual, a ilustração e o livro como objeto.

4.1 A NARRATIVA

Criar é, na minha experiência, um processo de inspiração, descoberta de possibilidades e conexões a partir do cotidiano, do ordinário e dos produtos midiáticos que consumo. Procuro ter o olhar do *flâneur*³ que caminha pela cidade como um estrangeiro. Tenho desde a infância um fascínio por histórias com criaturas mágicas, bruxas, lendas e todo esse universo que continuamente possibilita a criação de inúmeras obras ficcionais. Foi a partir desse olhar fantástico para o mundo ao redor que comecei este projeto aqui apresentado em forma de livro.

A definição do tema a ser trabalhado no livro passou por diversos ‘mundos’ até chegar neste. E todos se colidiram nessa narrativa ficcional fantástica sobre um mundo descoberto, suas histórias, objetos e personagens. A princípio, a concepção do fantástico é trabalhada de forma consciente com os estereótipos de um mundo mágico e seus ícones como magos, feiticeiros, guerreiros, objetos mágicos, e outros elementos que remetem a essa narrativa já conhecida e explorada. Mas ao investir nessa ideia, coloquei minha visão e minha percepção desse tema, além de criar uma narrativa não linear para esse universo e usar da metalinguagem para falar sobre ele nele mesmo.

³ O Flâneur (flanador) é o sujeito que fica a deriva pela cidade, que caminha ociosamente e observa o mundo ao redor.

A ideia principal deste trabalho é a criação de um livro ilustrado sobre essa descoberta de um mundo mágico citada anteriormente. A parte escrita do livro se apresenta na forma de pequenos comentários ao longo das páginas sobre os elementos presentes nos desenhos e as ilustrações representam as criaturas, os objetos, as histórias e a visão de um personagem oculto que é quem descobriu esse mundo.

Uma grande referência para esse produto conheci na minha infância. As Crônicas de Spiderwick (2008), é um filme baseado nos livros homônimos lançados entre 2003 e 2009 e conta a história de uma família que se muda para uma casa e nela encontra um livro com segredos de criaturas que convivem com os humanos sem que sejam percebidos, além de plantas, objetos e histórias desse universo.



Figura 1 - Cena do filme As Crônicas de Spiderwick (2008) Disponível em:

<https://jovenconexion.wordpress.com/2013/09/21/critica-as-cronicas-de-spiderwick/>

Vale ressaltar que apesar dessa referência me acompanhar há anos, minha ideia de produto passou por vários caminhos até chegar à ideia realizada, sendo a saga

revisitada apenas após o início da criação deste memorial e produto descritos. Conceitualmente as obras têm semelhanças, mas a realização é diferente e irei descrever em outro tópico. Talvez o imaginário em que imergi ao assistir ao filme diversas vezes e folhear parte dos livros tenha ficado em mim de tal forma que ao fazer esse livro eu esteja realizando o sonho de ver, como o personagem do filme viu, um mundo fantástico e mágico que nos cerca.

A partir da ideia do livro, procurei por referências latinas para a criação desse mundo. Num primeiro momento, algumas lendas do folclore brasileiro foram as principais escolhidas por se encaixarem no tema e fazerem parte do nosso imaginário. Figuras como Curupira, Caipora e Vitória Régia foram usados como inspiração para personagens que ilustrei. Outras referências são do livro *Contos Encantados da América Latina* (2018) de Celina Bodenmüller e Fabiana Prado, de onde busquei referências para personagens, objetos e cenários. A imagem abaixo mostra uma das páginas onde a inspiração para a ilustração do personagem e objetos é a lenda do Curupira.

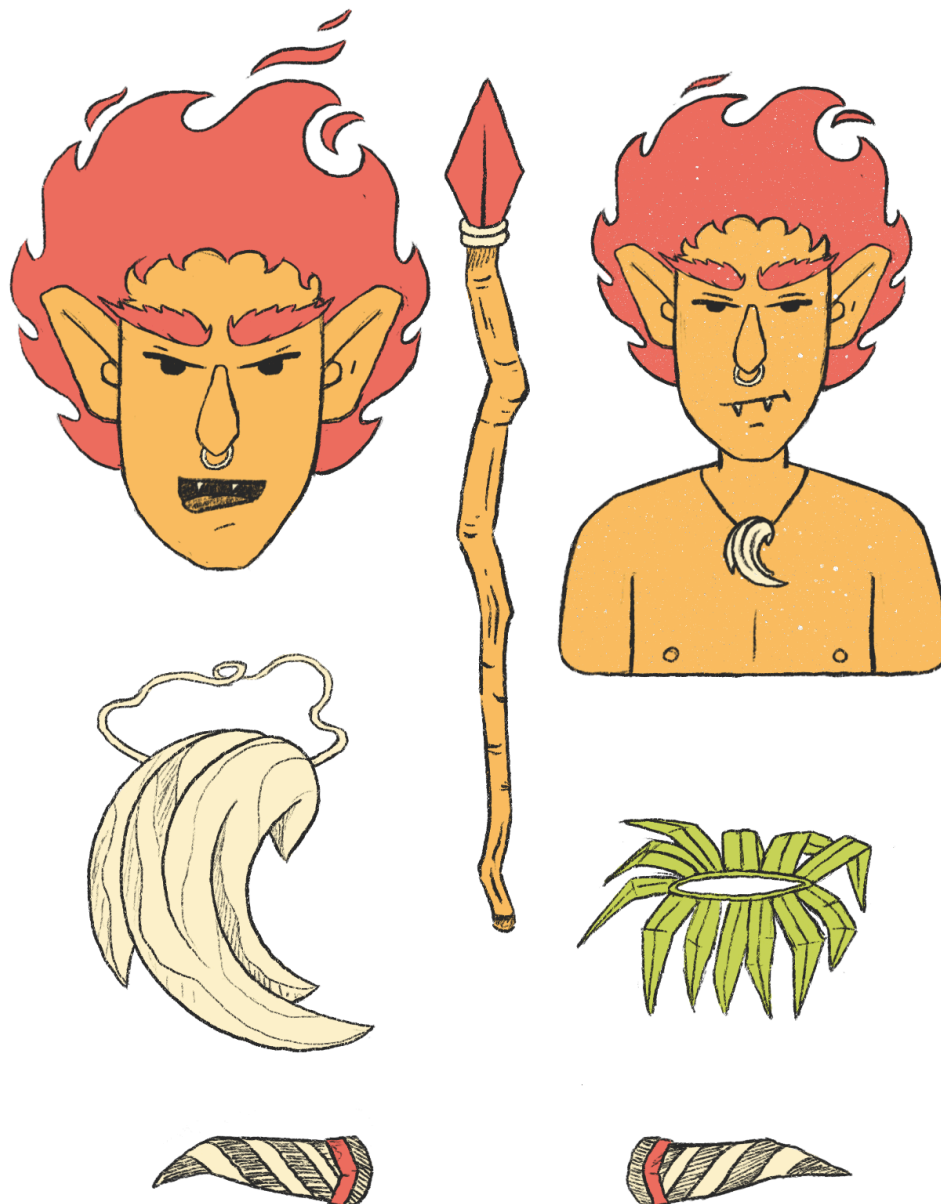


Figura 2 - Ilustração retirada do livro “Além das páginas”. Fonte: autor.

Outras referências - não latinas - que me levaram a criação deste produto foram os filmes das sagas “Harry Potter” (2001 - 2011), “As Crônicas de Nárnia” (2005 - 2019), “O senhor dos anéis” (2001-2003), o filme “Ponte para Terabítia” (2007), assim como os desenhos e os quadrinhos dos “X-men” entre outros filmes e séries que abordam os temas do sobrenatural, da magia e da fantasia como um todo.

4.2 ACERVO VISUAL

Para a criação do produto me dediquei a busca de referências tanto em livros, como em sites como Pinterest, Behance e as mídias sociais Instagram e X (Twitter). Para a parte visual reuni 550 imagens que se relacionam com o tema de alguma forma, tanto para as ilustrações como para o texto e o livro. Para a parte da narrativa e ideias para serem realizadas li e observei os livros “Os cem menores contos brasileiros do século”, “Contos Encantados da América Latina”, “Sketchbook sem limites”, “Animais Fantásticos e Onde Habitam”, “101 Lições que aprendi na Escola de Arquitetura” e “Diálogo | Desenho”.



Figura 3 - Ilustração de Kat Lee. Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/706291154086490714/>

Além do acervo de imagens com referências de outros artistas, andei por lugares onde a natureza predomina e busquei observar e tirar das paisagens cenas que pudessem servir de inspiração para as ilustrações. Dessa observação do espaço, tirei 60 fotos que foram divididas entre paisagens, personagens e cenas e posteriormente utilizadas como referência para a criação. Abaixo um exemplo de foto de referência e a ilustração.



Figura 4 - Ilustração retirada do livro “Além das páginas” e fotografia de referência. Fonte: autor.

4.3 A ILUSTRAÇÃO

Desde o início, meu objetivo era criar as ilustrações com a ideia de algo em construção. Para isso, o estilo deveria se encaixar tanto em uma estética de rascunho, como também em algo com algum nível de acabamento. Ideia defendida por Cecilia Almeida Salles no livro “Gesto Inacabado” de 1998. A grande questão ao escolher o estilo a ser ilustrado foi o de seguir a estética do rascunho de observação como é feito em *sketchbooks* ao representar de forma realista o tema ou seguir um estilo de desenho mais cartunesco. Por partir da ideia de criação do livro sobre um mundo descoberto, a princípio o estilo realista pareceu o mais correto, no entanto ao pensar sobre todo o contexto, a narrativa e as referências decidi seguir pelo estilo do cartum uma vez que ele permite maior liberdade de criação, pois não se prende a realidade e permite que o leitor se identifique com o estilo, afinal ele passa a ideia de ser mais fácil de realizar.

Trata-se de uma visão, portanto, que põe em questão o conceito de obra acabada, isto é, a obra como uma forma final e definitiva. Estamos sempre diante de uma realidade em mobilidade. Isto nos permite falar, sob o ponto de vista do artista, em uma estética em criação. Para o crítico genético seria, segundo Tadié (1992), dentro dos limites da literatura, a poética dos rascunhos. De uma maneira mais ampla, falaríamos em estética do movimento criador. (Salles, 1998. p. 26)

Após definir o estilo, me dediquei a escolha do traço a ser trabalhado dentro do cartum. Para se encaixar na proposta do rascunho dita anteriormente, decidi utilizar do próprio traço como elemento principal do desenho, sendo ele o que caracteriza as ilustrações e não as cores de preenchimento, item que logo irei adentrar. Para isso, defini que o traço deveria aparentar algo feito a mão direto no papel. Vale ressaltar que apesar de utilizar técnicas de desenho tradicional com os materiais, o trabalho foi finalizado digitalmente. Para essa finalização escolhi o pincel “*Paper Sketch*” no aplicativo Procreate. Este pincel imita lápis com o grafite 8B ou carvão.

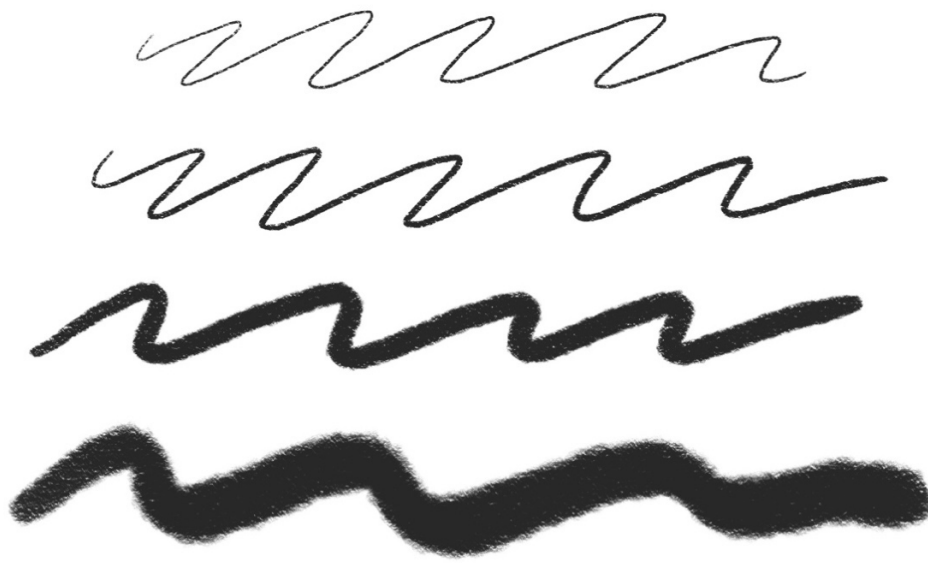


Figura 5 - Traços do pincel “*Paper Sketch*” do aplicativo Procreate. Fonte: autor.

Além do pincel com a textura de lápis, procurei por outros elementos que remetesse a fisicalidade do desenho manual como as texturas dos preenchimentos e, em alguns casos, a utilização do próprio rascunho como peça final. Outros pinceis utilizados no aplicativo Procreate foram o “Lápis Técnico 1” que imita o efeito dos lápis com a dureza HB e 2B e o “Tinta Seca” que imita a textura de giz pastel ou como o próprio nome diz, uma tinta seca. Este último foi utilizado principalmente na textura das ilustrações com o intuito de não deixá-las com as cores chapadas e sem volume.

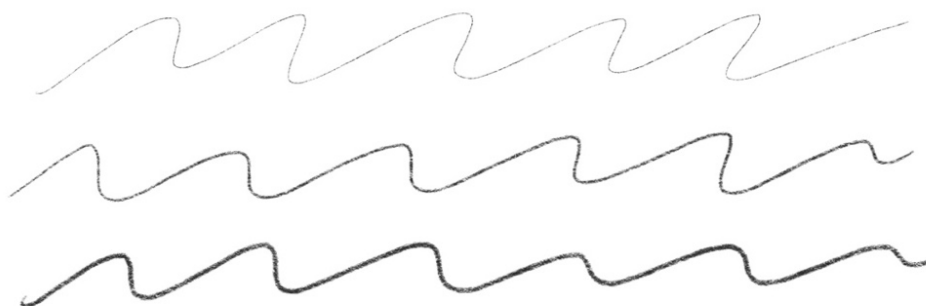


Figura 6 - Traços do pincel “Lápiz técnico 1” do aplicativo Procreate. Fonte: autor.



Figura 7 - Traços do pincel “Tinta seca” do aplicativo Procreate. Fonte: autor.

Para as cores, me limitei a uma paleta com menos opções uma vez que o foco era no desenho e no traçado. As cores escolhidas seguiram a lógica das cores primárias (pigmento) com adição do verde, cinza e branco. A ideia com essa escolha de cores é mostrar para o leitor as possibilidades com apenas 3 cores (azul, vermelho e amarelo) que ao serem misturadas possibilitam a criação do verde e de outros tons. Como a ideia é que o leitor se inspire com a obra e interaja com ela, colocar cores fáceis de encontrar e serem usadas faz parte da experiência. A figura 8 mostra o uso dessas cores.

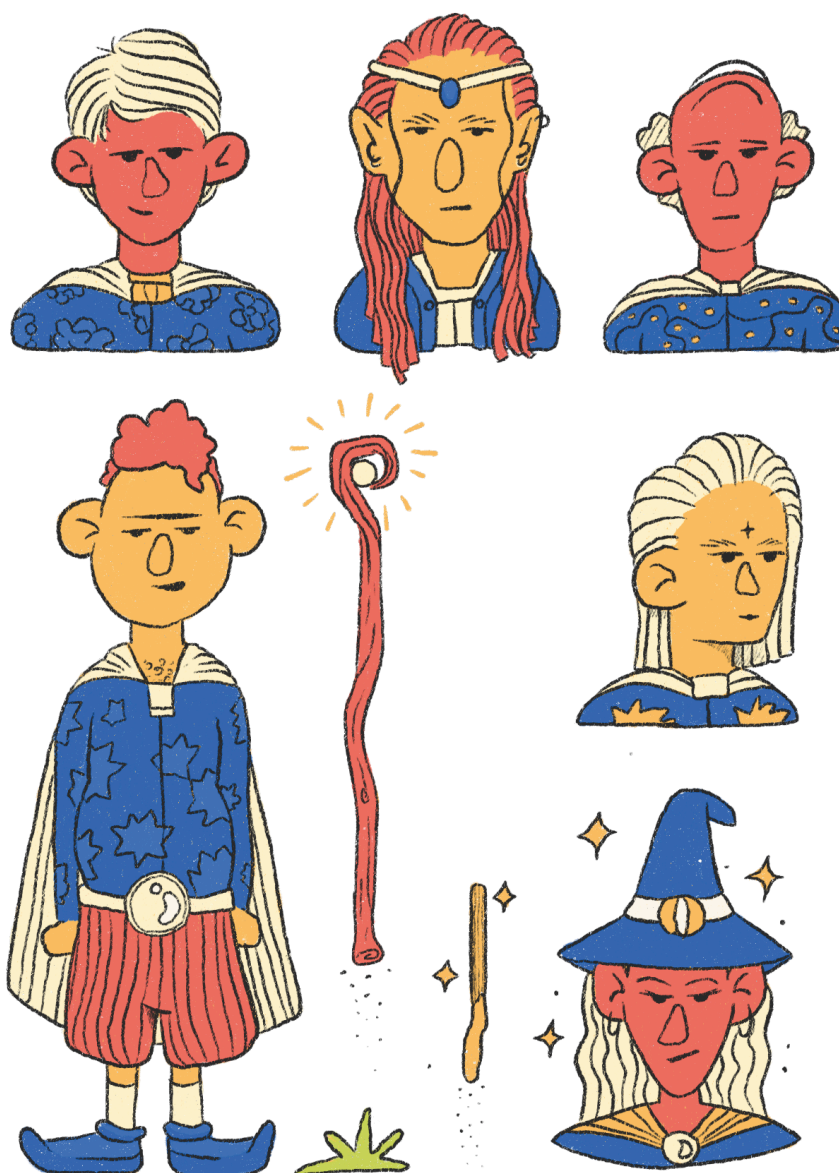


Figura 8 – Ilustração retirada do livro “Além das páginas”. Fonte: autor.

Além disso, essas cores remetem a algo infantil e os trabalhos nesse âmbito são uma referência para mim, uma vez que boa parte do mercado de livros ilustrados é para o público infantil. Uma outra escolha feita é a não utilização do roxo, uma cor fortemente relacionada ao mistério, à magia e ao sobrenatural. O não uso dessa cor foi feito de forma consciente no decorrer do processo com o intuito de não seguir uma lógica óbvia e por utilizar de elementos nacionais na elaboração da ilustração, sendo esses não retratados com a cor roxa.

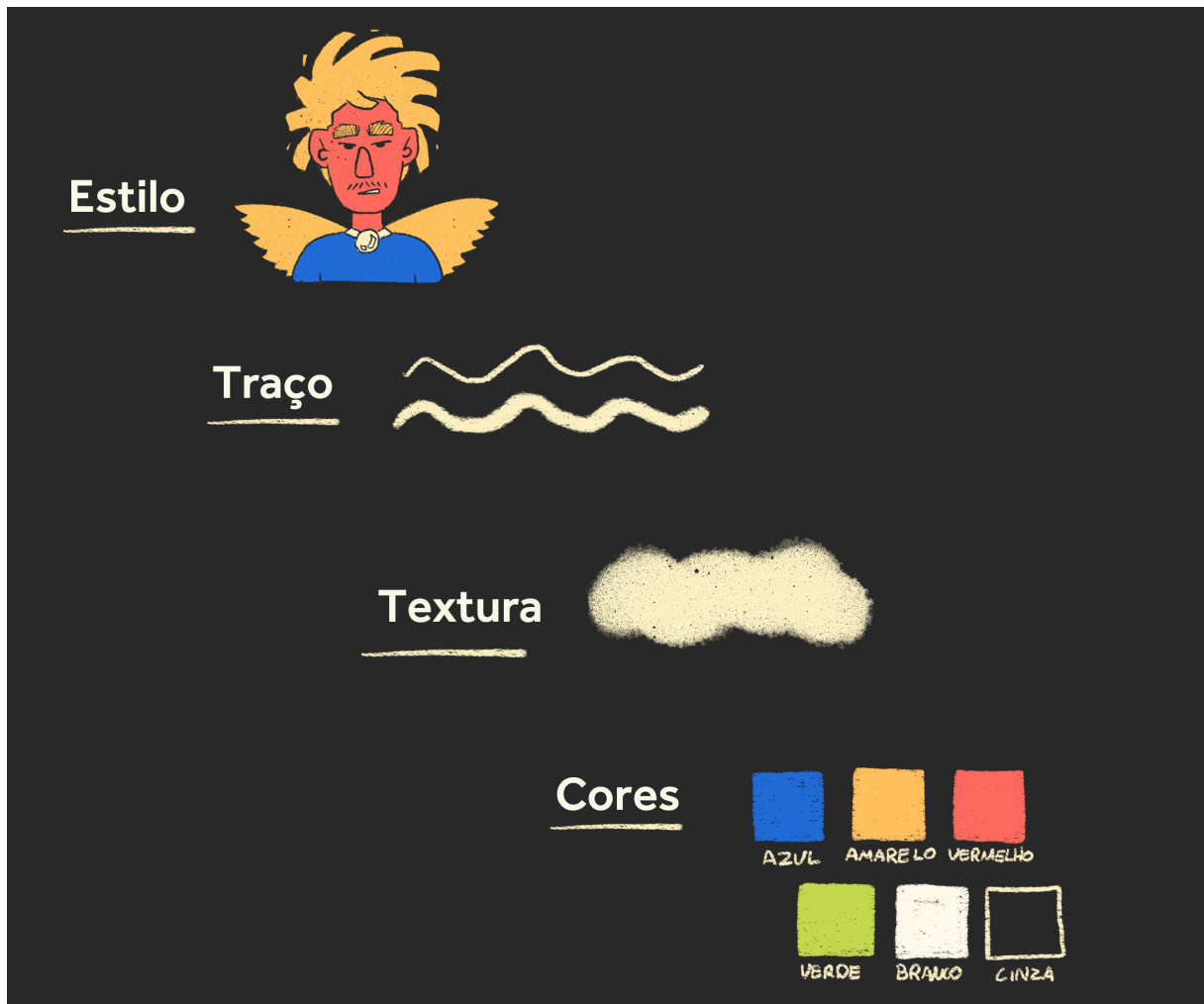


Figura 9 – Representação das escolhas estéticas da ilustração. Fonte: autor.

4.4 O LIVRO COMO OBJETO

Ao pensar o conteúdo do livro, meu intuito sempre foi o de instigar o leitor a criar relações, ter *insights*, compreender algo novo no passar das páginas e colocar nelas suas ideias. Para isso as escolhas são fundamentais na experiência de quem pega o livro para folhear ou prestar atenção aos detalhes. Da cor à textura das páginas, do formato à disposição dos elementos, as escolhas refletem em como o leitor irá interpretar o livro. “São questões próprias ao manuseio, oriundas do ato de manipular a matéria, a qual carrega consigo os rastros de seu processo de produção e que percorre e ocupa os espaços habitados, gerando novos caminhos de interação.” (Cavalcante, 2016. p. 56).

Uma vez impresso – e mesmo quando acessado digitalmente – o livro se encontra inserido num ambiente tridimensional, o qual situa interações entre

espaço e os corpos que o frequentam, e onde são acionadas trocas entre mente e matéria. (Cavalcante, 2016. p. 56).

O livro aqui é feito com esse intuito e, por isso, possui além das ilustrações, comentários que conversam com o leitor e páginas em branco para que sejam realizadas intervenções. Os comentários foram feitos à medida que o projeto gráfico foi sendo realizado, ou seja, a medida que eu tinha contato com as imagens em ordem, anotei observações e depois passei para o digital para serem inseridas nas páginas opostas aos desenhos.

As páginas em branco foram inseridas após a organização do conteúdo do livro de forma a criar um espaço de interação do leitor com a obra. São páginas de cores diferentes com a intenção de gerar estímulos diferentes sem uma ordem definida e levando em consideração que o papel branco gera certo afastamento e medo de começar.

Os materiais do livro foram escolhidos por mim presencialmente na gráfica com o intuito de sentir as texturas, ver os acabamentos disponíveis, entender as possibilidades e limitações. As escolhas foram feitas baseadas em ideais obtidas anteriormente como a utilização de papel transparente para algumas ilustrações e em detrimento da experiência tida durante a escolha como a textura, cor e gramatura do papel.

Para a maioria do miolo foi escolhido o papel couchê fosco com a gramatura 150g por ser um papel opaco, ou seja, sem transparência, o que impede que o conteúdo de uma página interfira em outra. Além disso, a gramatura foi escolhida com o objetivo de não ser um papel muito rígido e nem muito fino. Para as páginas transparentes o papel escolhido foi o vegetal 90g por ser levemente opaco e ter diferentes formas de se ver a imagem impressa. A escolha pela transparência foi feita com a intenção de deixar o livro mais dinâmico uma vez que o leitor vê de forma diferente a página com e sem contato com a próxima folha, além da possibilidade de imprimir o mesmo tema representado com ângulos diferentes. A ideia inicial com a transparência era fazer um desenho visto de frente e de trás, no entanto, com testes de impressão identifiquei que as imagens interferem na outra página. Logo, a ideia teve que ser descartada e inseri a ilustração apenas de um lado. Na imagem do teste a seguir é possível ver que as impressões se somam e ficam mais escuras.

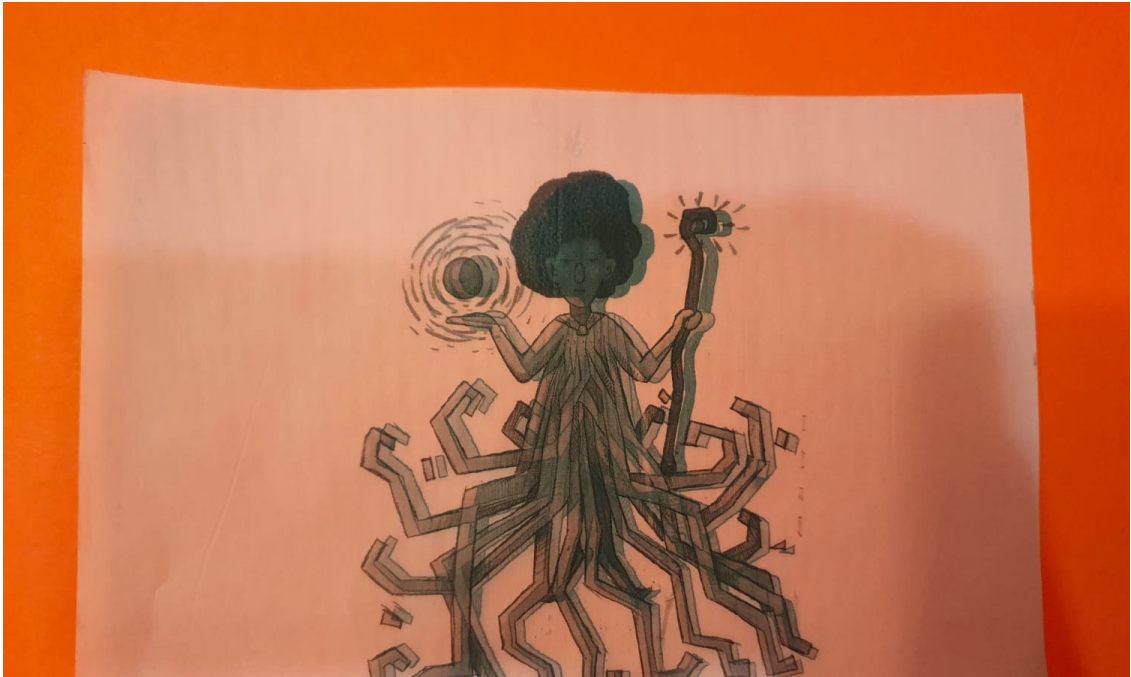


Figura 10 - Foto do teste com o papel vegetal. Fonte: autor



Figura 11 – Ilustração utilizada para teste. Fonte: autor

Escolhi para a tipografia das informações do livro, a família “Paralucet Condensed”, por ter variação de pesos, o que facilita o uso. Além disso é uma fonte que contrasta com as outras partes escritas do livro que, apesar de simularem uma escrita manual, são feitas a partir da fonte “Bradley Hand” com auxílio do programa

Procreate. Para isso escrevi os comentários inseridos ao longo do livro com a fonte e desenhei com o pincel “Pepper Sketch” citado anteriormente, o que deixa maior impressão de ser escrito à mão.



Figura 12 – Uso da fonte “Bradley Hand” retirado do livro “Além das páginas”. Fonte: autor

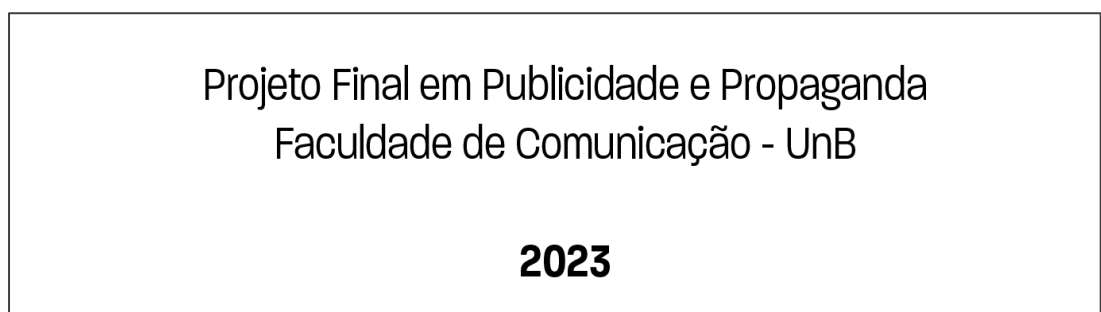


Figura 13 – Uso da fonte “Paralucet Condensed” retirado do livro “Além das páginas”. Fonte: autor

Para o acabamento do livro foi escolhido a brochura por ter maior resistência e por deixar as páginas unidas, diferente do acabamento em espiral que separa as folhas na união com o arame e possui menos resistência. Para uma maior durabilidade, também foi escolhido a capa dura, além de uma escolha estética, pois possibilita a inserção de folha de guarda.

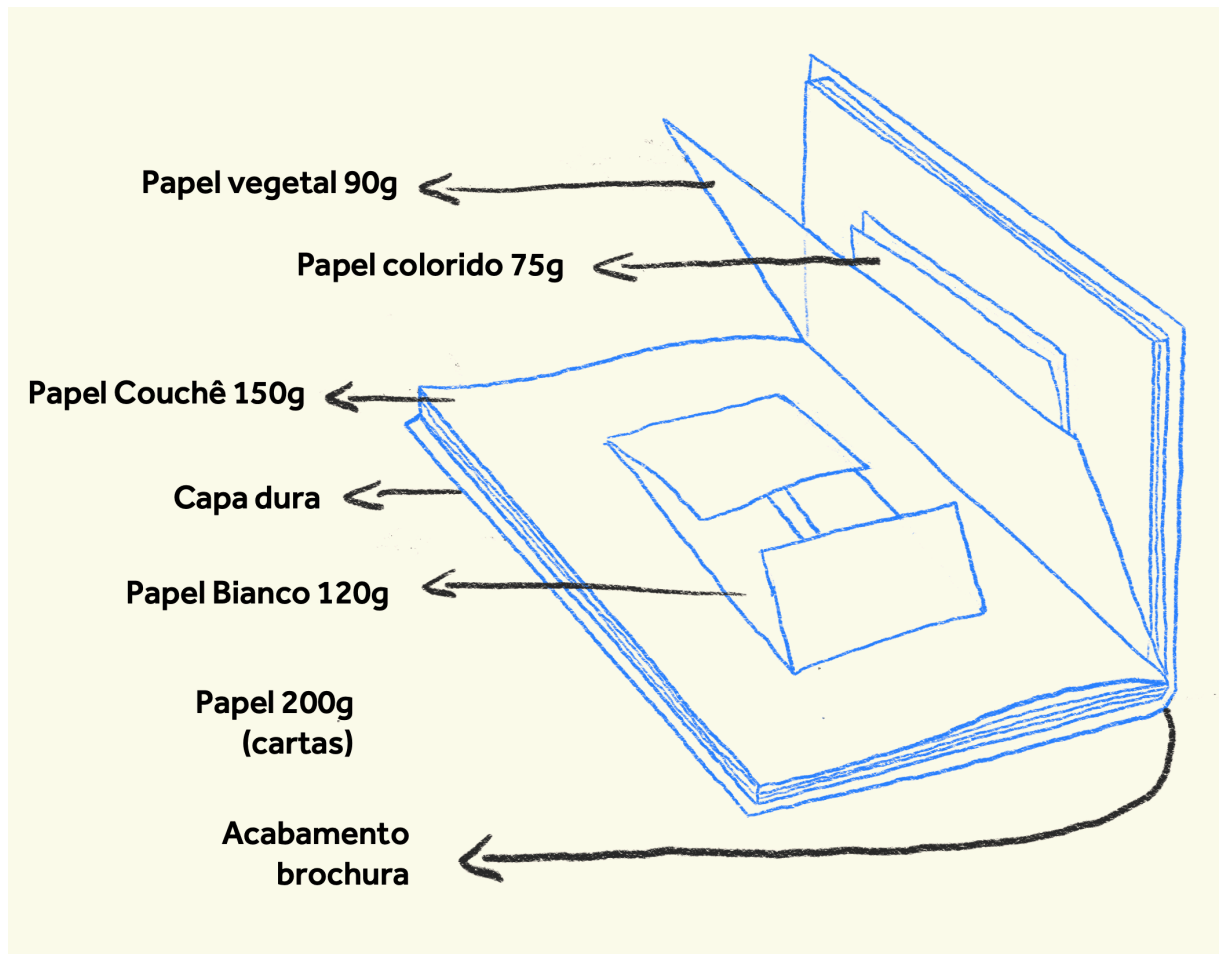


Figura 14 – Representação dos materiais do livro. Fonte: autor

Em todas as páginas inseri ilustrações que formam uma animação ao serem passadas rapidamente. Essa técnica se chama *flipbook* ou folioscópio, e consiste numa coleção de imagens colocadas sequencialmente que geram a ilusão de movimento. Essas imagens foram colocadas no canto superior direito, onde geralmente são colocados os números de página. Este livro, portanto, não possui numeração de páginas por uma escolha artística e narrativa uma vez que não é uma narrativa linear, havendo apenas nas primeiras duas páginas e no *flipbook* ações sequenciais.

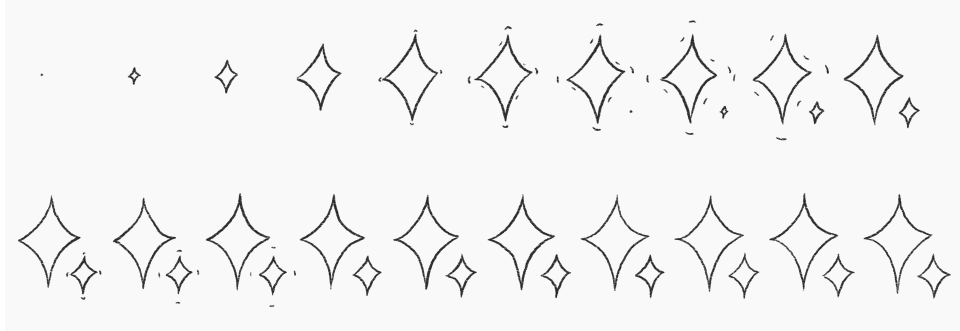


Figura 15 – Ilustração utilizada para flipbook. Fonte: autor

Ainda sobre sequencialidade, a organização do conteúdo é algo que foi pensado seguindo essa ideal do não sequencial, mas com certo nível de linearidade. As ilustrações foram divididas entre paisagens, personagens e cenas. Essa divisão foi feita com o intuito de criar espaços de entendimento sobre o universo do livro, mas não é algo para criar um caminho de leitura.

5 Considerações Finais

Esse trabalho teve início após um longo percurso de busca por temas e produtos a serem realizados. Dessa busca surgiram ideias e vontades, como a de criar um livro ilustrado e trabalhar com o livro de formas diferentes, aproveitando o formato e o suporte. Num primeiro momento pensar em possibilidades se tornou algo instigante e animador, mas realizar tais ideias e possibilidades se tornaram inviáveis em decorrência do tempo e orçamento.

Alguns desafios da vida durante o percurso também frearam a produção do livro, mas consegui alinhar a realidade com as minhas expectativas e realizei o que até o momento foi possível. O livro foi finalizado, mas com a certeza de que pode ser melhor trabalhado futuramente e que as ilustrações e ideias surgidas poderão ganhar outras abordagens como jogos e HQs.

Esse trabalho foi para mim uma experimentação no campo da criação de livros e principalmente no campo da ilustração. Nunca havia criado tantas ilustrações para o mesmo projeto, nem trabalhado por tanto tempo com a mesma ideia em um produto que deveria ser finalizado. Sinto que evolui muito como ilustrador durante esse processo e tive a certeza da área que devo focar.

A partir da questão de “como criar um livro-objeto (...)?” adicionado a “(...) sobre uma narrativa fantástica ilustrada?” saíram muitas respostas, mas também muitas outras questões e dúvidas. Sobre a primeira parte da pergunta ficou claro para mim que para se criar algo, deve-se conhecer muito o que já existe. É preciso saber das possibilidades, dos limites e a partir daí pensar como realizar algo diferente ou que não se tenha pensado antes. Sobre a segunda parte da pergunta, entendi que é preciso estabelecer a narrativa de forma mais clara para o leitor quando se tem essa intenção. No caso do meu produto, a falta de clareza para qual a narrativa abordada foi intencional, uma vez que é objetivo do projeto causar dúvidas e instigar a imaginação.

Pensar a ideia de livro para além do convencional pode instigar futuros leitores e prender a atenção que hoje é tão concorrida, principalmente para crianças. Estimular a criatividade e a habilidade de criar é algo que deve ser considerado, uma vez que as redes sociais com os vídeos e conteúdos cada vez mais rápidos não deixam

espaço para outras coisas fluírem. A habilidade de observar, pensar, ter ideias e criar é de suma importância para todas as idades e começar isso com os livros pode ser uma alternativa interessante. Este trabalho é um convite a criação e ao olhar fantástico para o mundo ao redor.

Como foi defendido ao longo do memorial, o livro aqui descrito deve ser apresentado em sua forma física. Por questões orçamentárias, entrego a banca algumas imagens em formato digital das ilustrações do livro que será exposto de forma física e presencial durante a apresentação deste trabalho.

6 Referências

ALLOA, Emmanuel. **Entre a transparência e a opacidade - o que a imagem dá a pensar**. In ALLOA, Emmanuel (org.). Pensar a imagem. 1. ed.; 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

BOEHM, Gottfried. **Aquilo que se mostra. Sobre a diferença icônica**. In ALLOA, Emmanuel (org.). Pensar a imagem. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CADÔR, Amir Brito. **Do verbal ao visual em livros de artista**. In DERDYK, Edith. Entre ser um e ser mil: o objeto livro e suas poéticas. 1. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2013.

CADÔR, Amir Brito. **Os limites do livro**. In XXX COLÓQUIO DO COMITÊ BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 2010, Petrópolis/RJ. Anais. Rio de Janeiro, 2010. P. 659-669

DADICO, Luciana. **A leitura do livro como experiência: reflexões a partir da obra de Walter Benjamin**. Leitura: Teoria & Prática, Campinas, São Paulo, v.33, n.65, p.35-51, 2015.

DURAND, Gilbert. **O imaginário - Ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem**. 1. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 1998.

HASLAM, Andrew. **O Livro e o Designer II - Como criar e produzir livros**. 2. ed. São Paulo: Edições Rosari, 2017.

JOLY, Martine. **Introdução à Análise da Imagem**. 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2007.

LEAL, C. Z. **Revelar, desvelar e produzir sentidos: pensando a imagem a partir de Gottfried Boehm**. In: XI CONGRESSO INTERNACIONAL DE ESTUDOS IBERO-AMERICANOS: OS 80 ANOS DO ESTADO NOVO, 2017, 7 pp. Porto Alegre/RS. Anais. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2017.

MAFFESOLI, Michel; SILVA, J. M. D. **O imaginário é uma realidade**. Revista FAMECOS, Porto Alegre, n. 15, p. 74-82, ago/2001.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. 1. ed. São Paulo: Publifolha, 2013.

PRADES, Anita. **Trajetórias de um fio de rio: Narrar por imagens no contexto do livro ilustrado**. Instituto de Artes da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. São Paulo, 2019.

PLAZA, Julio. **O livro como forma de arte (I)**. In BARAVELLI, Luiz Paulo (org.). Arte em São Paulo. nº6. São Paulo, 1982.

ROAS, David. **A ameaça do fantástico: aproximações teóricas**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

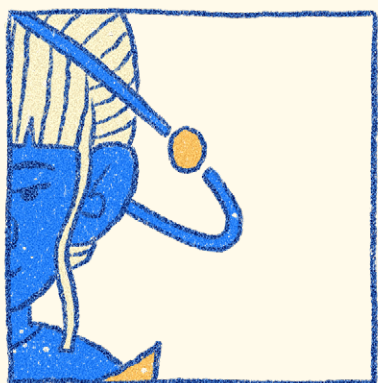
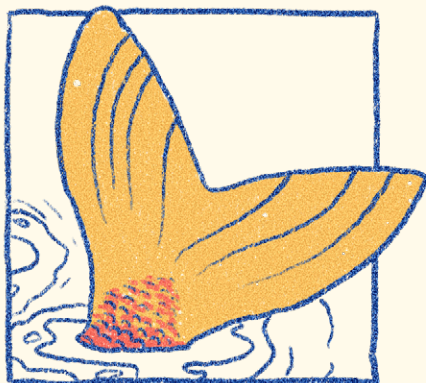
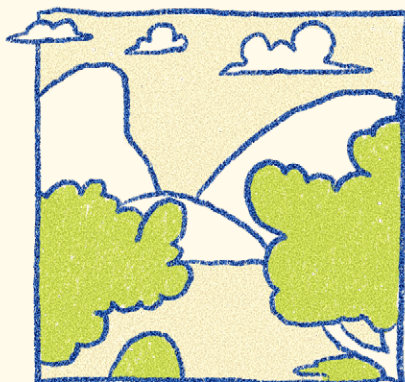
SALLES, Cecília Almeida. **Gesto Inacabado: Processo de criação artística**. 1. ed. São Paulo: FAPESPE: Annablume, 1998.

SCHEINBERGER, Felix. **Sketchbook sem limites: o companheiro de viagem do urban sketcher**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

SILVEIRA, Paulo. **A página violada: da ternura à injúria na construção do livro de artista**. 2. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

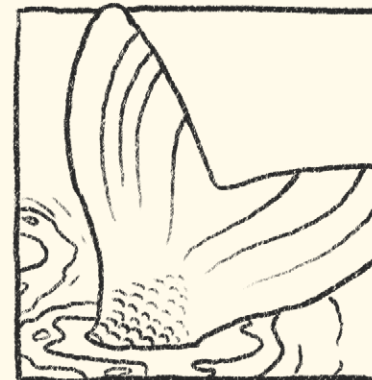
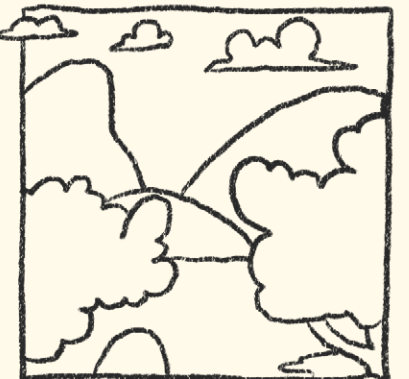
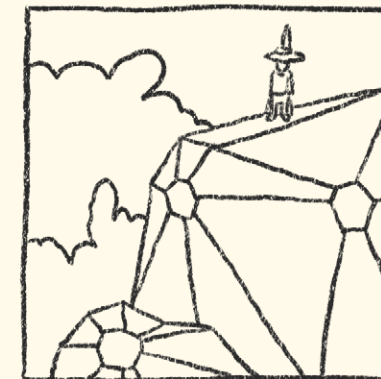
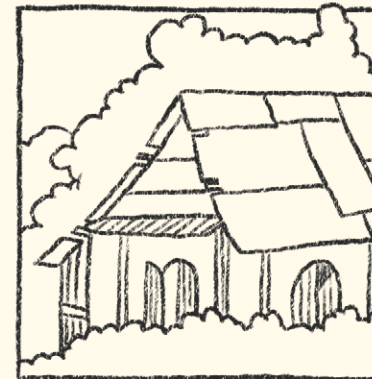
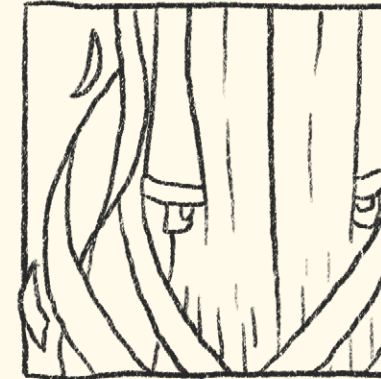
TIBURI, Márcia; CHUÍ, Fernando. **Diálogo/Desenho**. 1. ed. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2010.

UNGER, Gerard. **Enquanto você lê**. 1. ed. Brasília: Estereográfica, 2016.



Daniel Freitas

Além das páginas



Além
das páginas

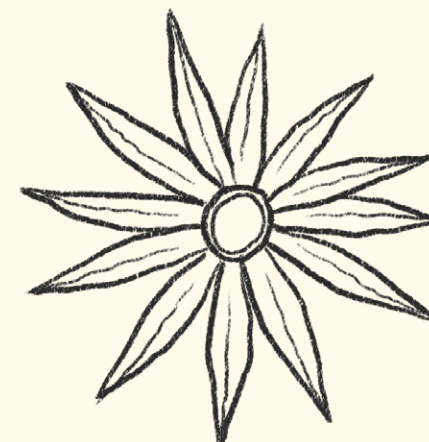
Daniel Freitas

Projeto Final em Publicidade e Propaganda
Faculdade de Comunicação - UnB

2023

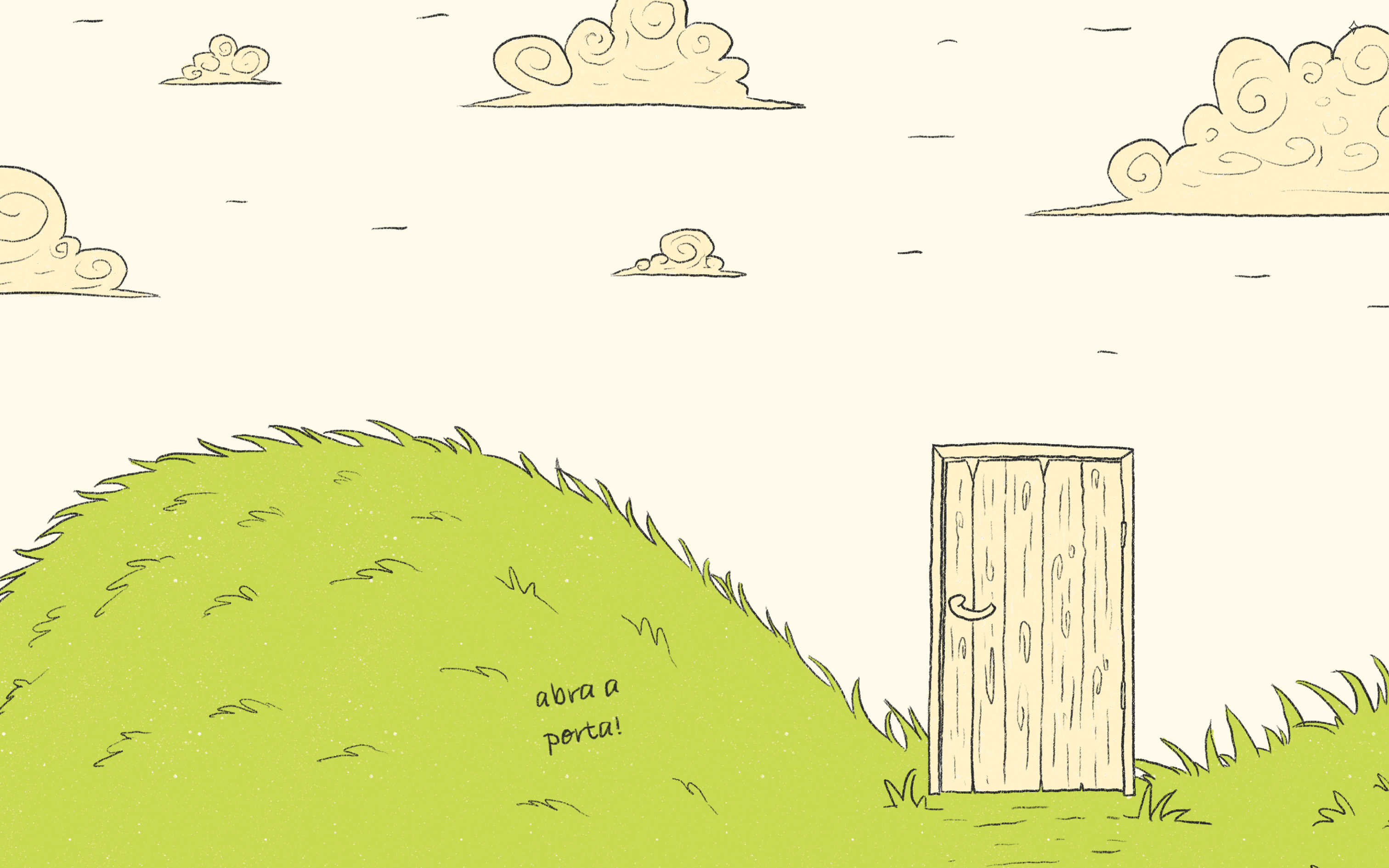






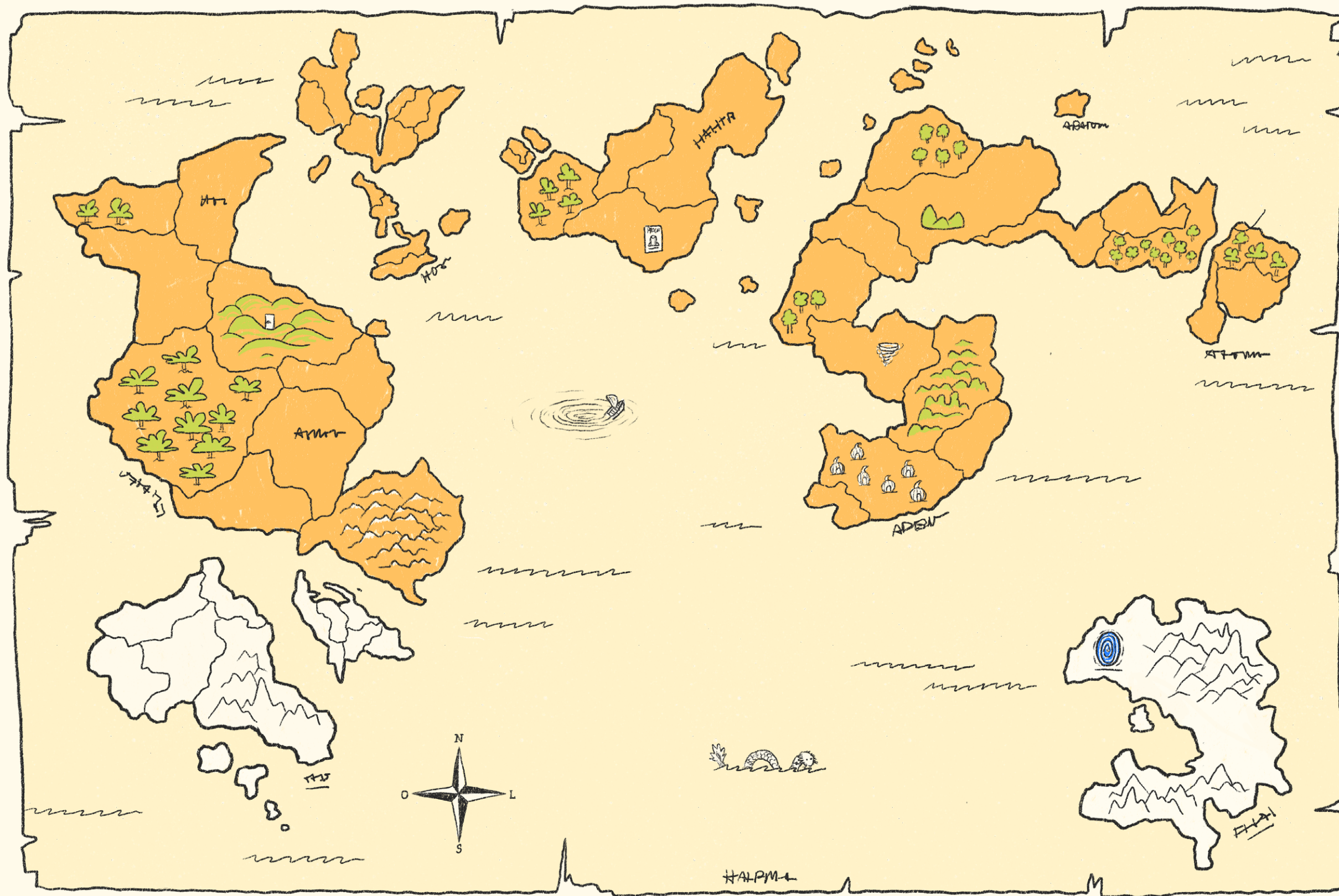
Este livro apresenta um mundo fantástico descoberto e observado no cotidiano. Esse é um convite ao olhar fantástico e à imaginação. Escreva, rabisque e crie nas páginas a seguir.

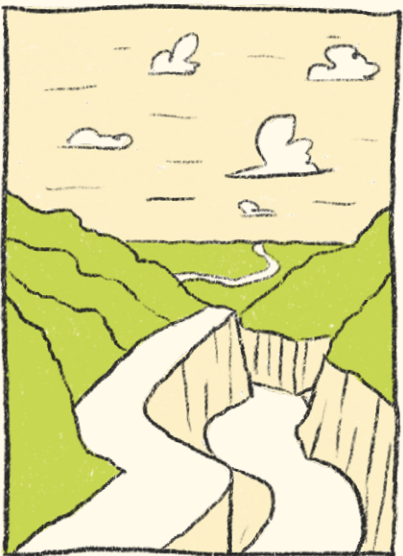
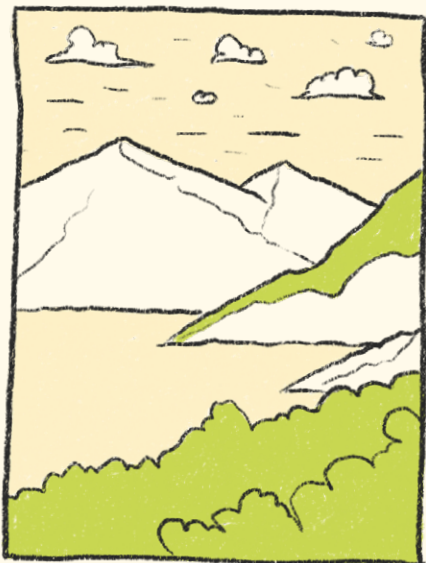
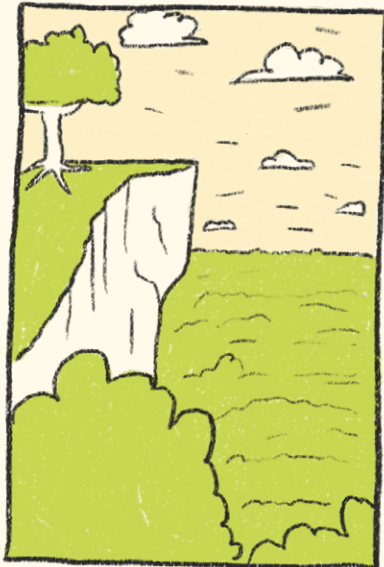
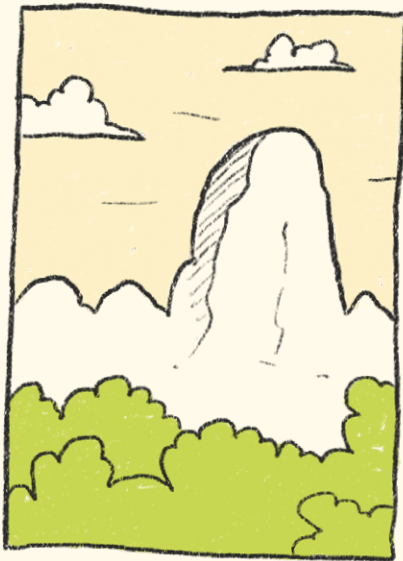
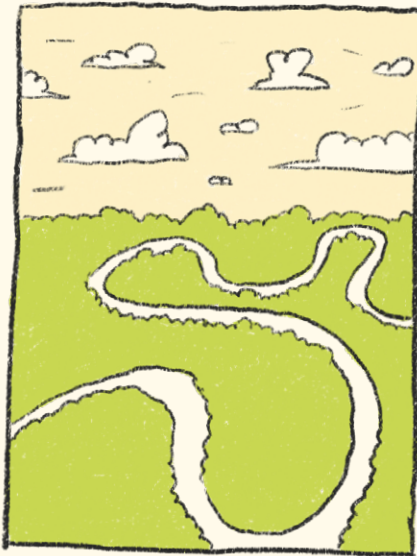
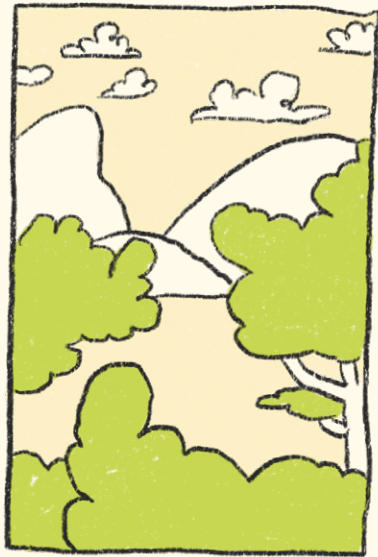
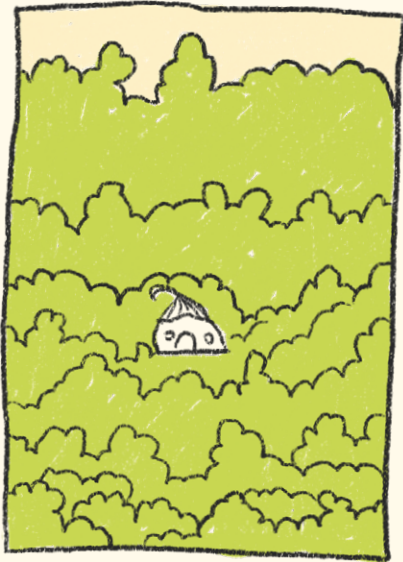
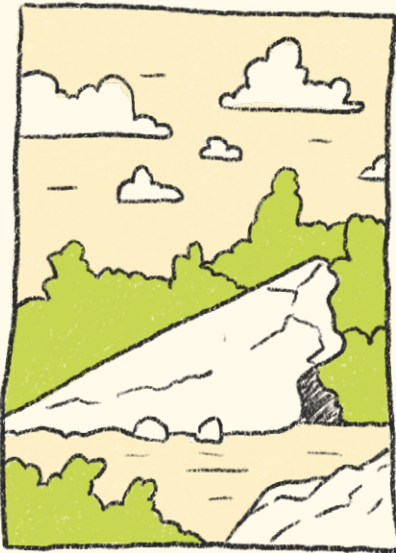
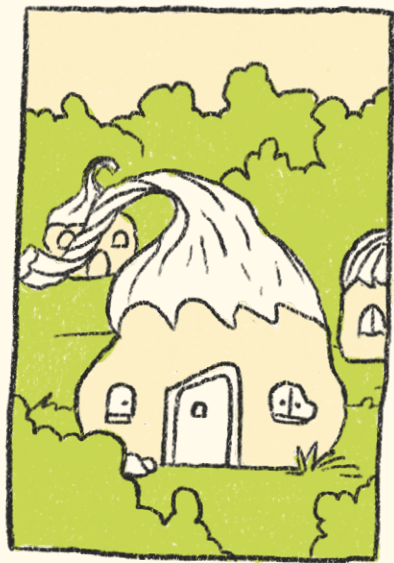
Para os seres
fantásticos que
vivem por aí

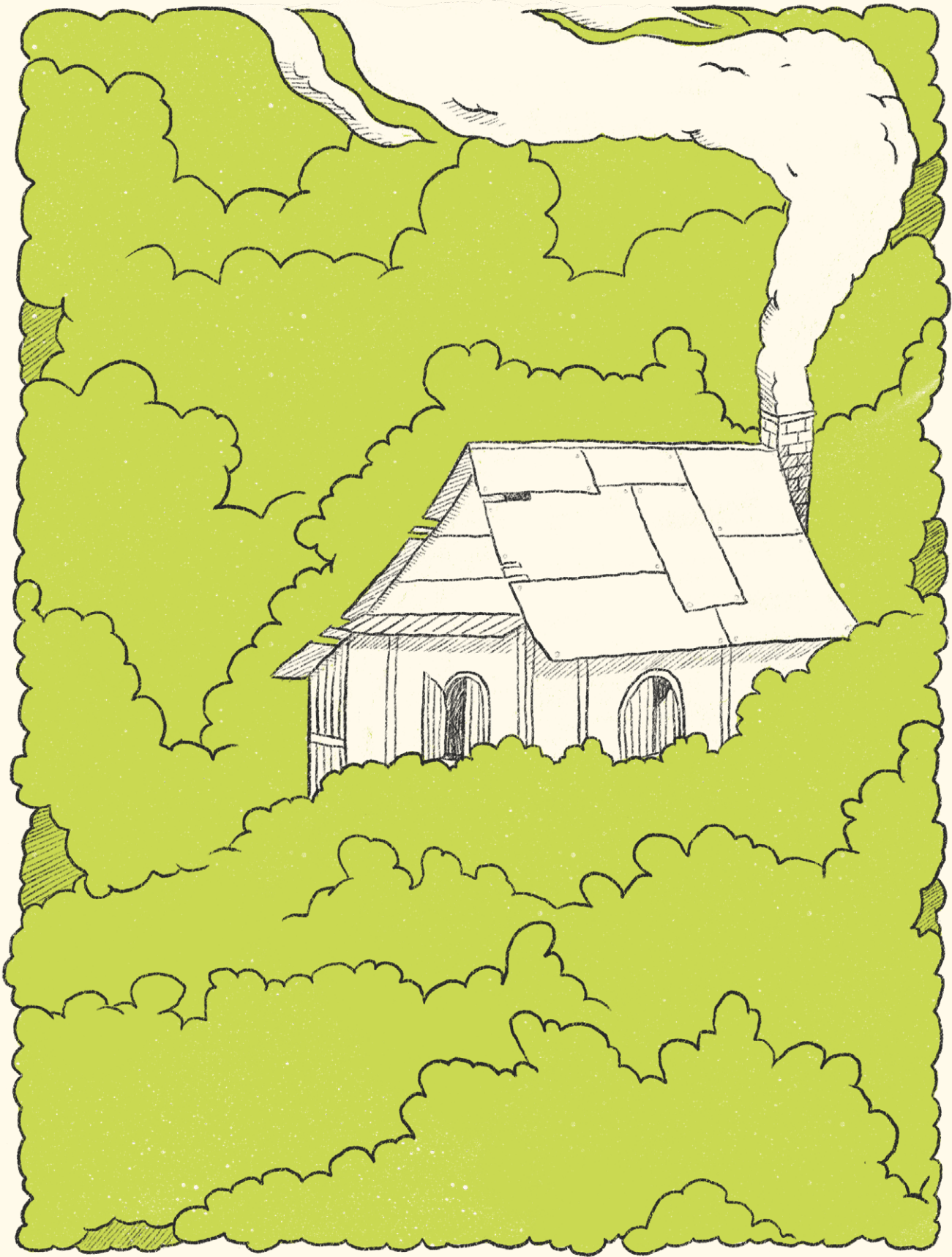


abra a
porta!



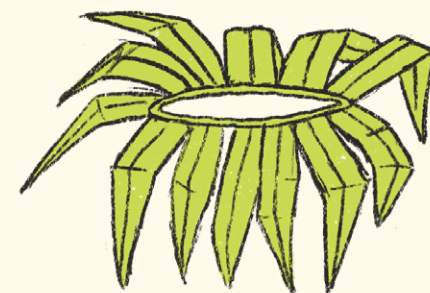






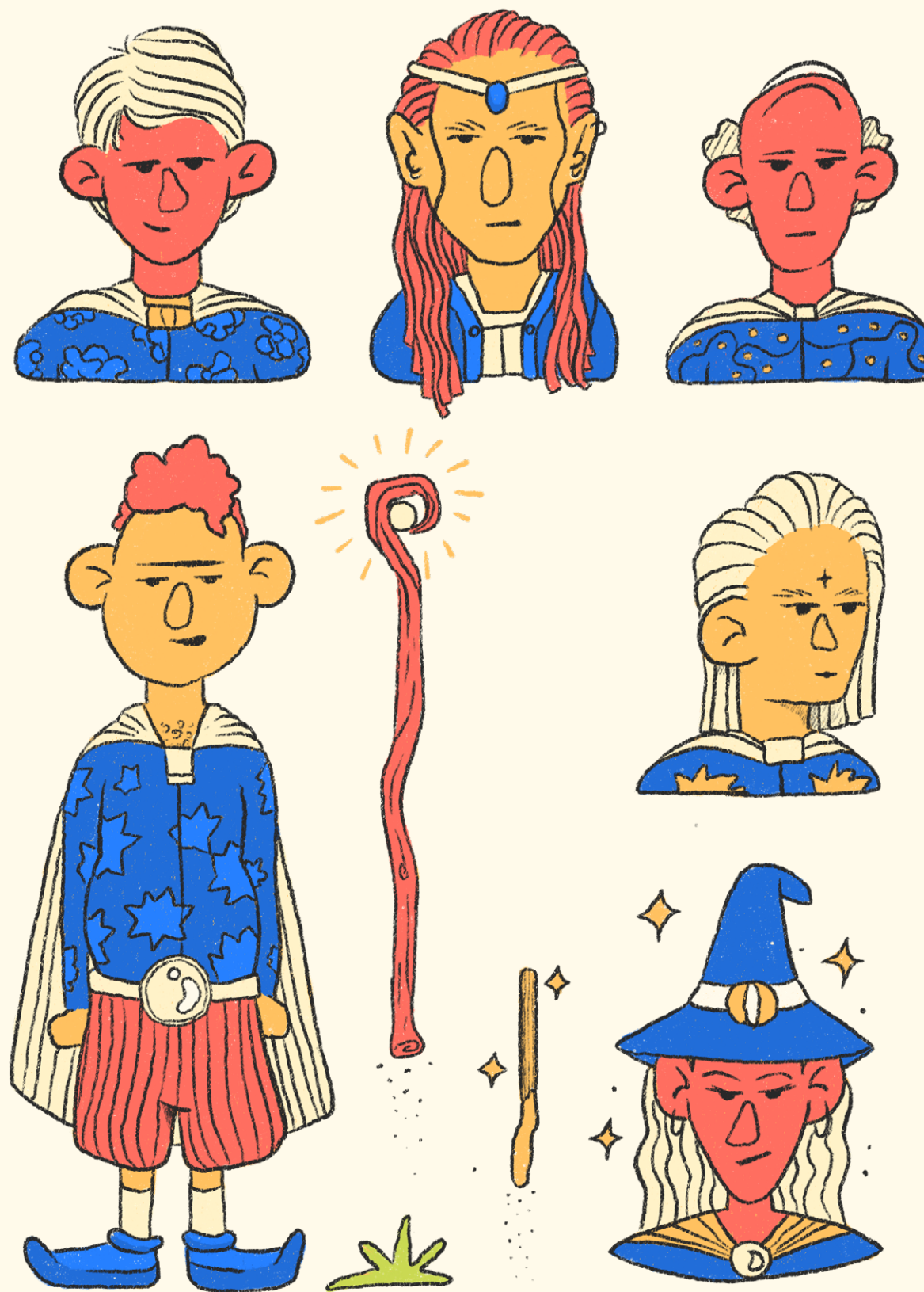


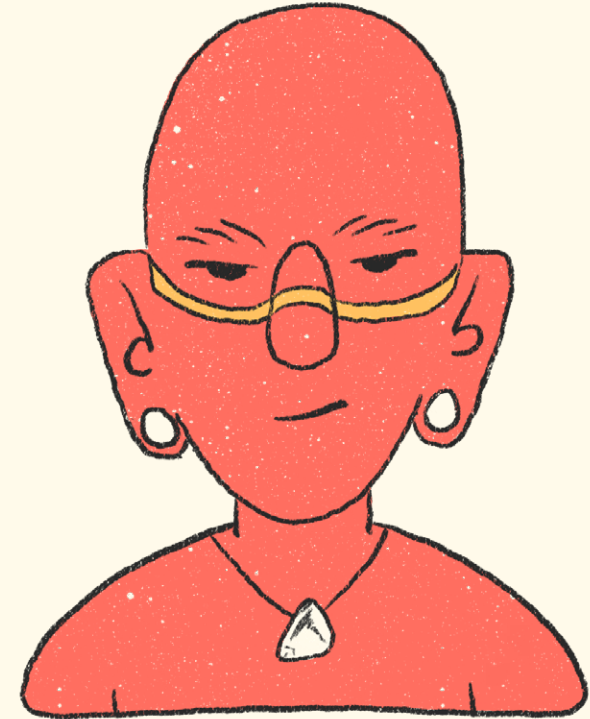


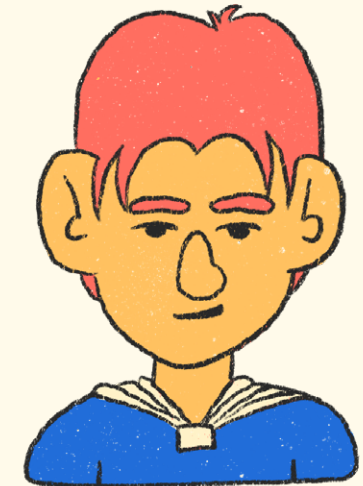


o curupira se
meteu nessa

esses fazem freela na
maioria das histórias
com magia





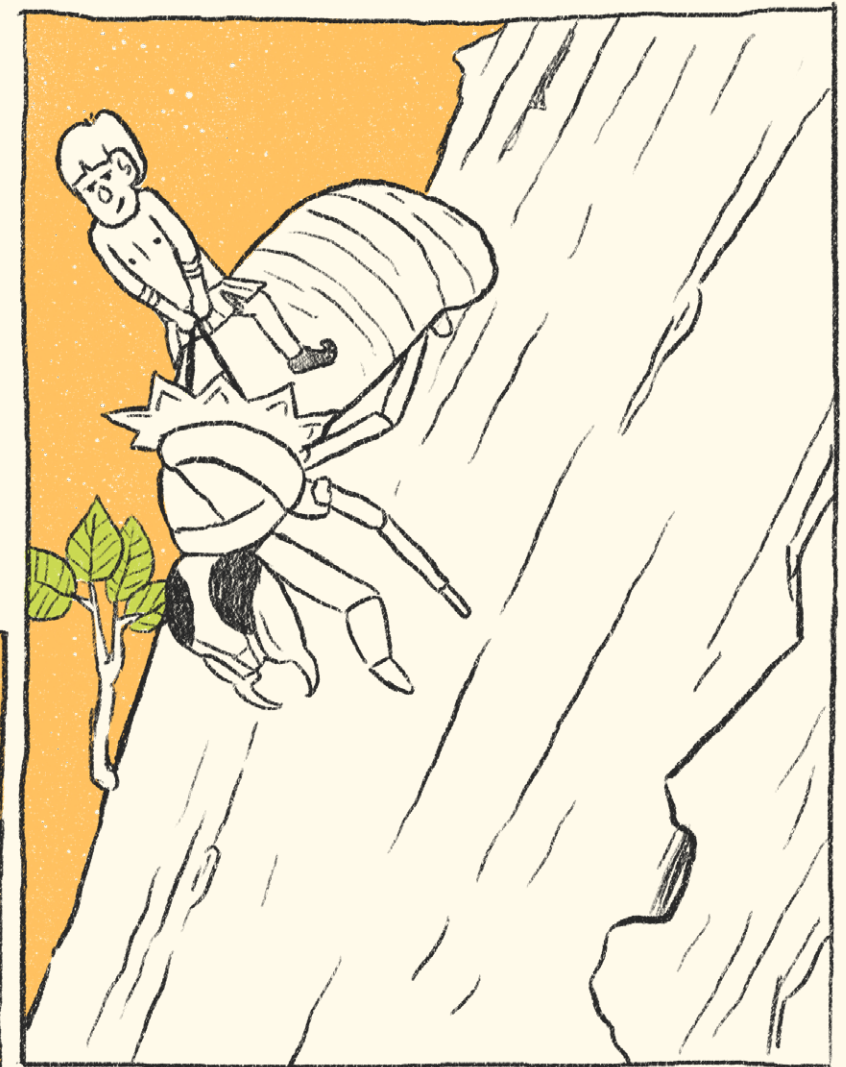


a lenda da vitória
Régia nesse mundo é
um pouco diferente...

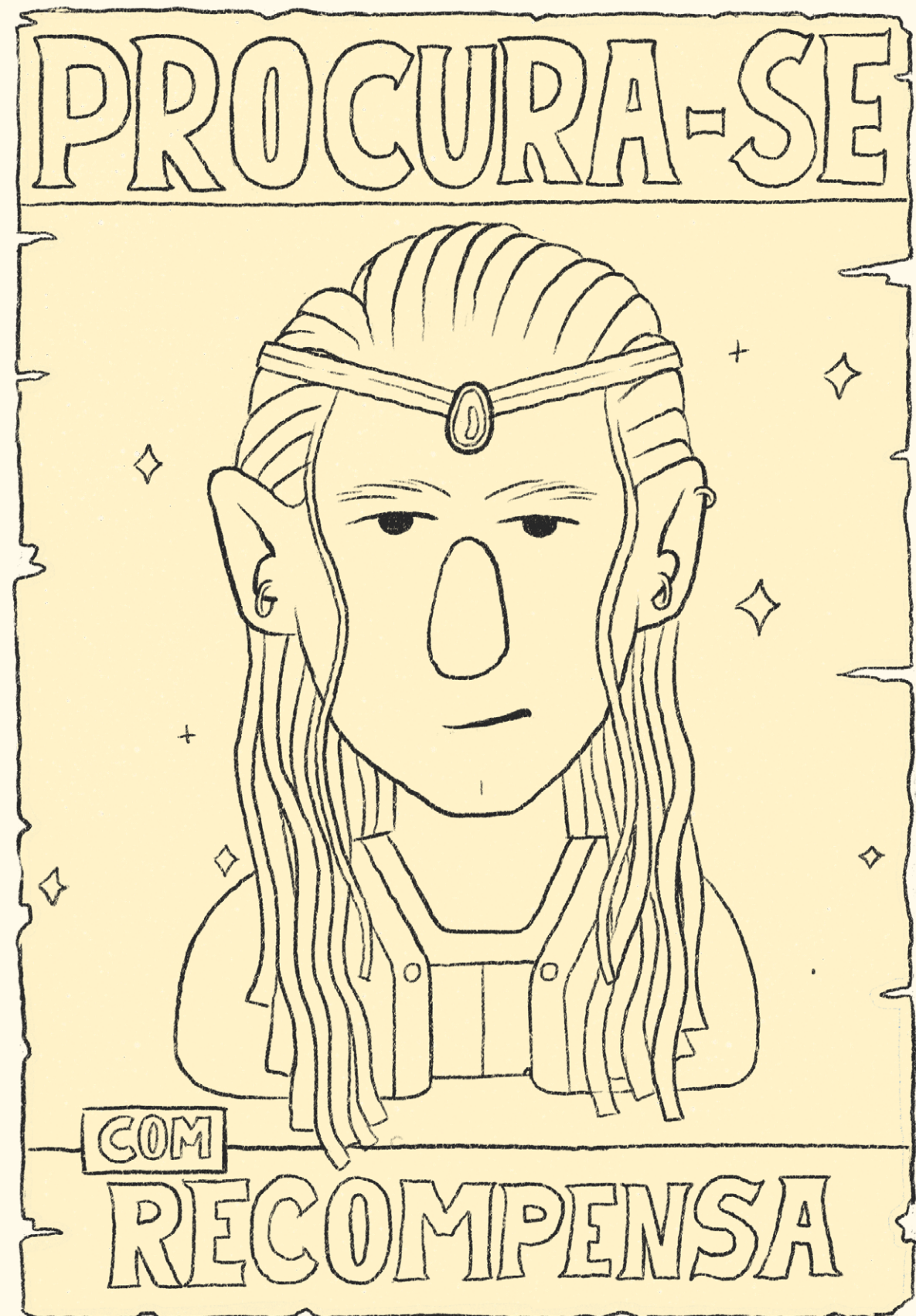




alguns são tão
pequenos que até os
insetos servem de
transporte



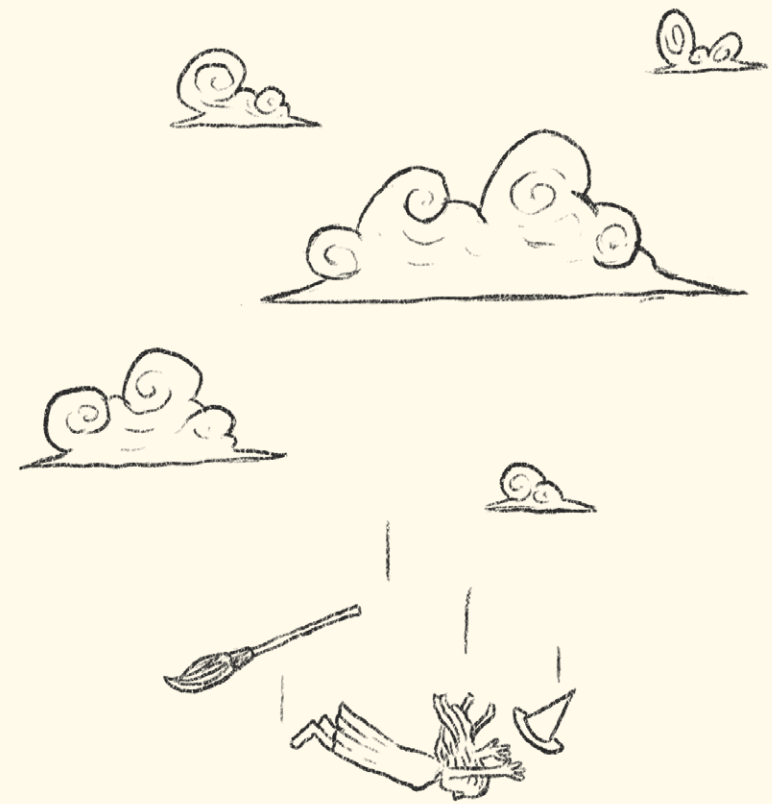
falaram que ele está entre
as páginas quarenta e
cinquenta

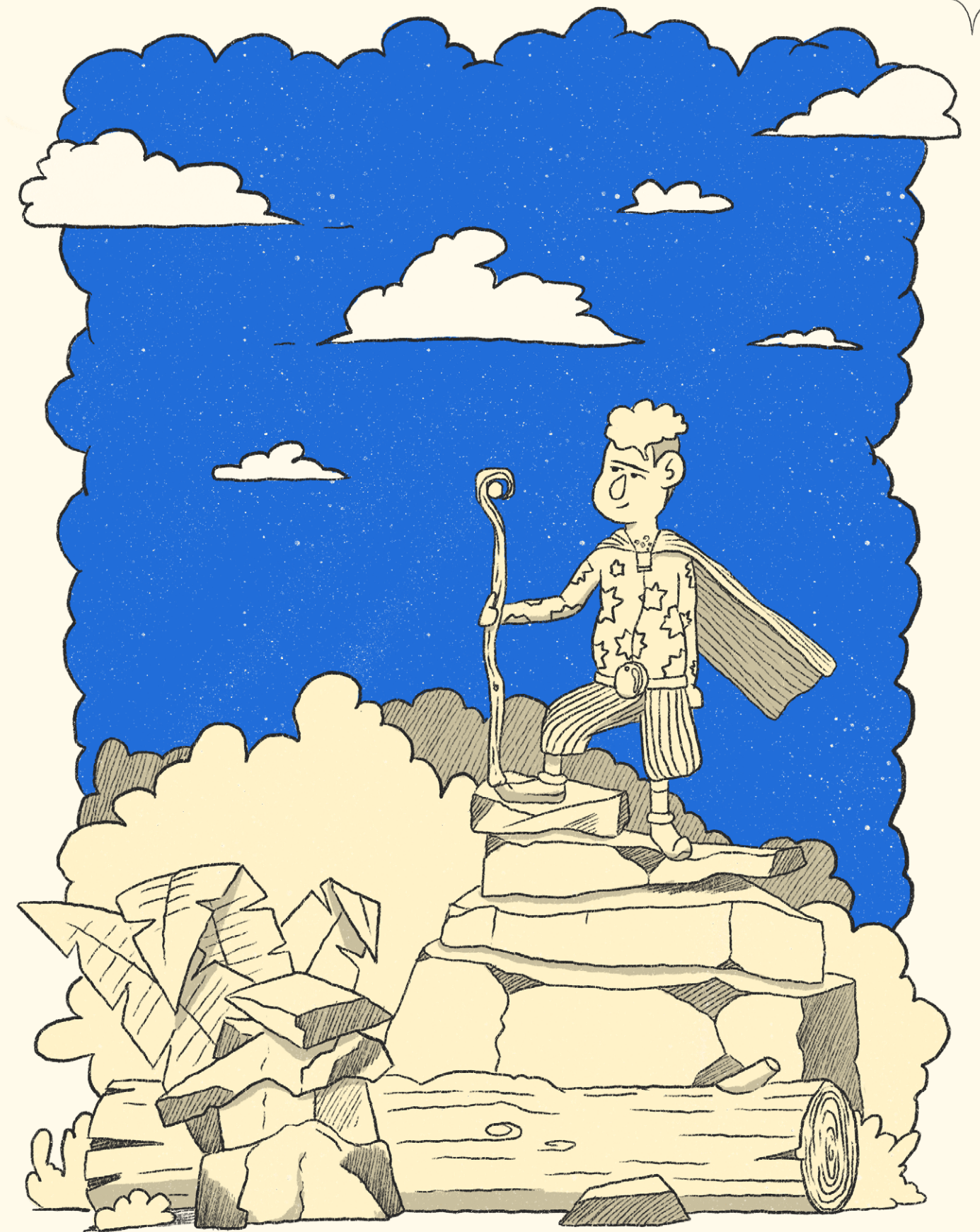




desenhe ou escreva
sobre outros seres!









não há nada para ver
nessa página!

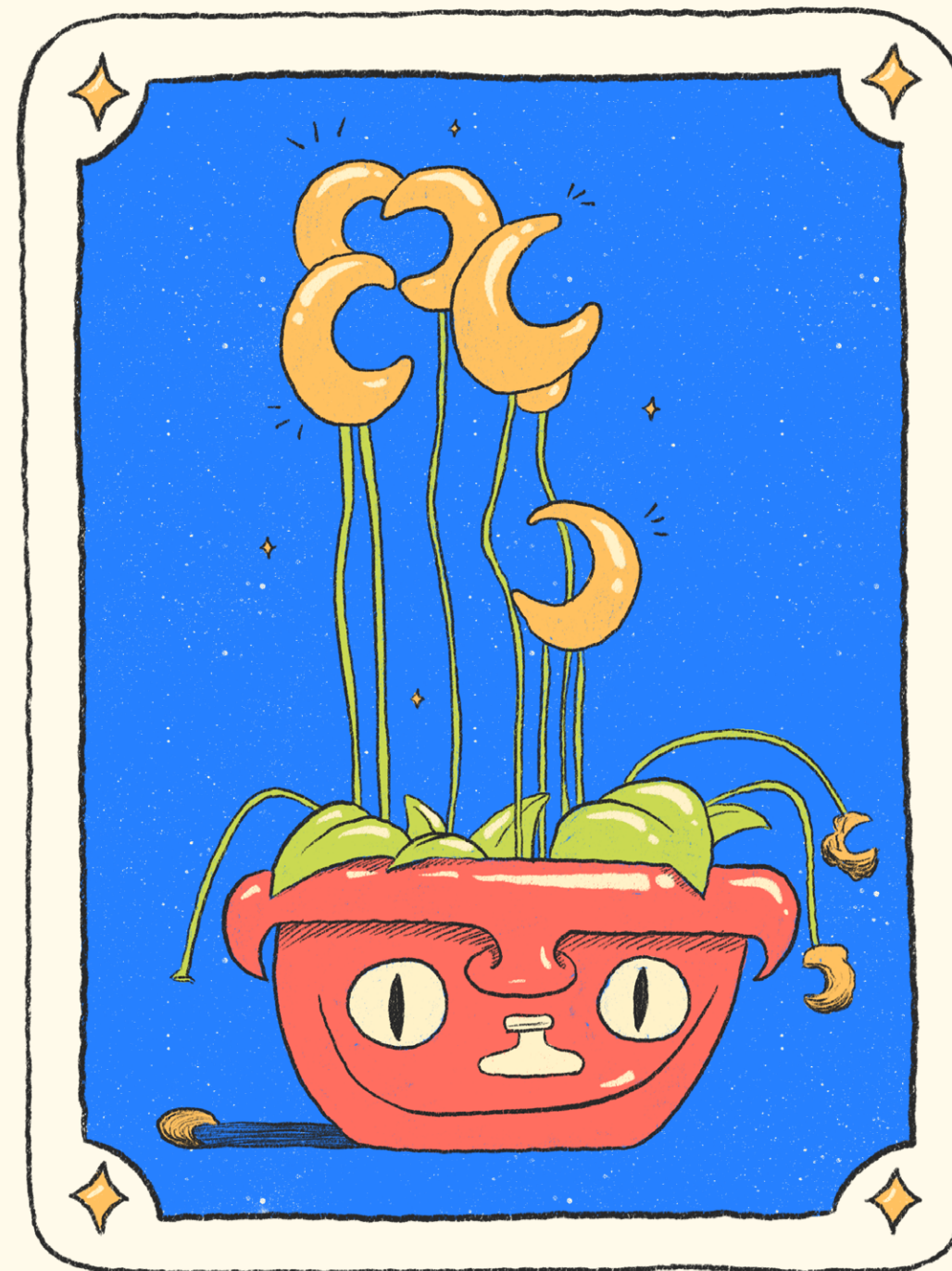




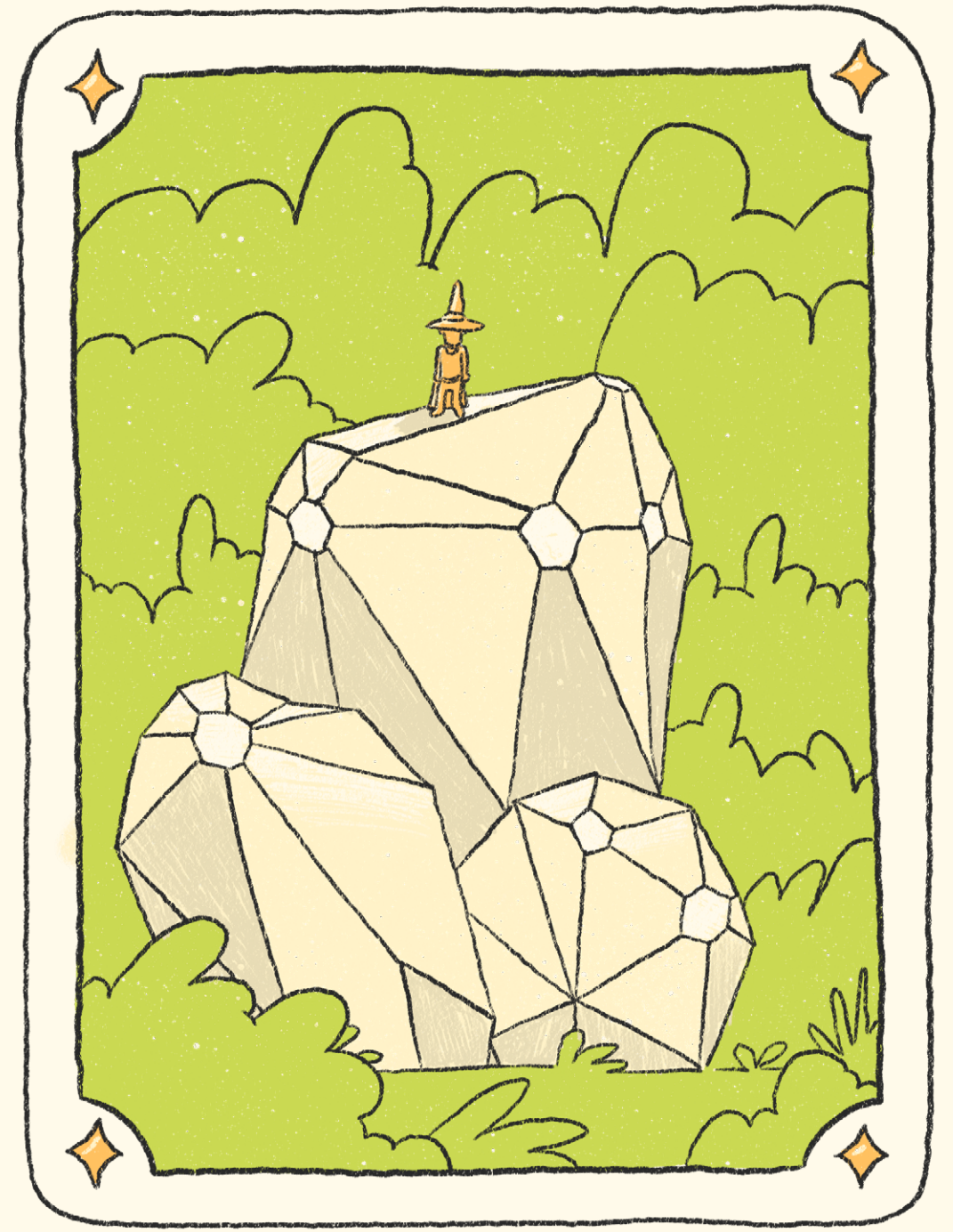




a flor da lua tem
usos proibidos



já essa pedra não
é proibida...



volte
sempre!

